

**Perceção dos refugiados e sensibilidade intercultural em alunos
finalistas do ensino secundário numa escola pública de Lisboa**

Paulo Jorge Soares de Almeida Vieira

**Dissertação de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e
Transnacionalismo**

(Junho, 2017)

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo, realizada sob a orientação científica do Professor Nuno Manuel Ferreira Dias e da Professora Doutora Sónia Sofia de Sousa Alves Ferreira.

*“Não podemos deter as pessoas que fogem pelas suas vidas. Elas virão.
A escolha que temos é o quão bem preparamos a sua chegada e quão humanamente”*

António Guterres, na qualidade de
Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados

AGRADECIMENTOS

A entrega formal da dissertação de mestrado assinala o término de uma muito interessante viagem pelo universo das Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo. Ao longo deste itinerário, foram muitas as pessoas, com as quais interagi, dialoguei e sobretudo aprendi, dentro e fora do campus universitário.

Um agradecimento especial aos meus orientadores, Doutor Nuno Manuel Ferreira Dias, e à Doutora Sónia Sofia de Sousa Alves Ferreira pela confiança e por terem possibilitado a realização deste trabalho. Agradeço igualmente à coordenação do mestrado e aos diferentes professores, os quais foram inspiradores e instrumentais em todo o processo.

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração da Escola Secundária de Camões, pelo que agradeço ao executivo, aos alunos e aos professores que colaboraram na implementação do questionário, em especial à Professora Catarina Leal, pelo seu profissionalismo e dedicação.

Um agradecimento especial aos meus colegas de mestrado. No final fica a amizade!

Muito obrigado às minhas colegas e amigas especialistas nestes tópicos, com as quais troquei muitas impressões e recebi preciosos contributos, os quais valorizaram este trabalho. Um obrigado à Bárbara, à Catarina, à Francesca, à Gabriela, à Sandra, à Susana e à Tatiana.

Porque nas nossas viagens os amigos estão sempre presentes, um agradecimento especial ao Pedro pela motivação e também pela tradução do resumo. Não sendo possível mencionar todos, gostaria de agradecer ao Juan e à Kathelyne, pelas salutares trocas de opinião sobre os desafios das migrações. À Cris, ao Hélder e à Júlia pelas conversas ultra motivacionais.

A todos os antigos e atuais colegas do Programa Escolhas, assim como do Alto Comissariado para as Migrações, em especial os companheiros do GAEM, Ana e Miguel, o meu obrigado pelo apoio e estímulo para a realização deste trabalho.

Porque a família é importante, agradeço todos os incentivos, sobretudo por parte da minha mãe, dos meus irmãos e dos meus sobrinhos.

Gostaria de agradecer a todos e a todas que contribuíram para que esta viagem pelo mundo do conhecimento académico fosse marcante e estimulante em cada uma das suas etapas, contribuindo para o meu crescimento profissional e pessoal.

RESUMO

PERCEÇÃO DOS REFUGIADOS E SENSIBILIDADE INTERCULTURAL EM ALUNOS FINALISTAS DO ENSINO SECUNDÁRIO NUMA ESCOLA PÚBLICA DE LISBOA

Paulo Jorge Soares de Almeida Vieira

Esta dissertação pretendeu avaliar o nível de sensibilidade intercultural, aferir as percepções e apurar o grau de concordância com o acolhimento de pessoas refugiadas em Portugal, junto de 117 alunos entre os 16 e os 20 anos, finalistas do ensino secundário, numa escola pública de Lisboa.

O instrumento utilizado compreende três secções, sendo a primeira uma adaptação da Escala de Sensibilidade Intercultural de Chen e Starosta (2000), um questionário com uma escala de atitudes, relacionada com a interação de pessoas de diferentes culturas. A fiabilidade e validade da escala foram testadas por intermédio do coeficiente *Alfa de Cronbach* ($\alpha=0,79$), revelando uma boa consistência interna dos itens. A segunda parte agregava nove questões relacionadas com a percepção dos refugiados, sendo que a terceira secção estava destinada à recolha de dados sociodemográficos. Os questionários foram aplicados na *Escola Secundária de Camões*, entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017.

A amostra revelou possuir um nível médio/alto de sensibilidade intercultural (média de 94,863 pontos, numa escala de 24 a 120), sendo que em comparação com os alunos, as alunas estão associadas a médias significativamente superiores de sensibilidade intercultural. Questionados se “Portugal deve acolher refugiados”, 94% da amostra expressa concordância com o acolhimento de pessoas refugiadas na sua globalidade. Estão “totalmente de acordo” e de “acordo” com a afirmação “Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro” um total de 81,20% dos participantes. Relativamente à percepção das diferenças quanto às crenças e práticas religiosas, quando comparados com os portugueses, 44,4% dos participantes consideraram os refugiados “um pouco diferentes”. Relativamente a ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados, 62,39% dos participantes mostraram interesse em participar nas mesmas.

Atendendo ao acolhimento de pessoas refugiadas, níveis elevados de sensibilidade intercultural remetem para a existência de competências facilitadoras da sua integração no contexto escolar, favorecendo a ocorrência de interações positivas entre alunos com identidades ancoradas em múltiplas pertenças culturais.

PALAVRAS-CHAVE: migrações, requerentes de asilo, refugiados, representações sociais, sensibilidade intercultural.

ABSTRACT

REFUGEES PERCEPTION AND INTERCULTURAL SENSITIVITY ON PUBLIC COLLEGE FINALIST STUDENTS IN LISBON

Paulo Jorge Soares de Almeida Vieira

This desertion aimed to evaluate the level of intercultural sensitivity, to assess perceptions and the level of agreement regarding the welcoming of refugees' people in Portugal, based on collated data from 117 college finalists, in a public school from Lisbon, whose ages range from 16 to 20 years old.

The tool used covered three sections, the first of which is an adaptation of the Intercultural Sensitivity Scale of Chen and Starosta (2000), a questionnaire with a scale of attitudes relating to the interaction of people from different cultures. The reliability and validity of the scale were tested through the *Alfa of Cronbach* ($\alpha=0,79$), revealing a good internal consistency of the items. The second section consisted of nine questions related to the refugees thematic, and the third section was intended to capture the socio demographic data. The questionnaires were applied in the '*Escola Secundária de Camões*' between December 2016 and February 2017.

The participants revealed having a medium/high level of intercultural sensitivity (with an average of 94,863 points, on a scale from 24 to 120), being that, when comparing the male to the female students, the female were associated with a significantly higher intercultural sensitivity average. Upon being questioned whether "Portugal should welcome refugees," 94% of the students expressed agreement with the welcoming of the refugees' people in Portugal in an overall perspective. 81.20% of the participants are "fully agree" and "agree" with the statement "A refugee can live in my community / neighbourhood". Regarding the perception of the differences in religious beliefs and practices, when compared with the Portuguese, 44.4% of the participants considered the refugees "somewhat different". More so, when questioned about awareness or training actions in this thematic, 62,39% of the participants displayed interest in participating in such matter.

Attending to the welcoming of refugees' people, high levels of intercultural sensitivity reveal the existence of skills that enable the integration process in the scholar context, favouring the occurrence of positive interactions between students with identities grounded on multiple cultural inheritances.

KEYWORDS: migration, asylum-seekers, refugees, social representations, intercultural sensitivity.

ÍNDICE

Introdução	1
 Capítulo 1. Migrações e Asilo.	5
1.1. Regime de proteção internacional de refugiados	5
1.2. Requerentes de asilo e refugiados – países de acolhimento e de origem	9
1.3. A situação na Europa e em Portugal	11
1.4. Migrações forçadas	13
 Capítulo 2. Sensibilidade Intercultural e perceção de imigrantes e refugiados	18
2.1. Sensibilidade Intercultural.....	18
2.2. Perceção de imigrantes e refugiados	24
 Capítulo 3. Metodologia de investigação.....	28
3.1. Problema de investigação	28
3.2. Perguntas de investigação.....	28
3.3. Tipo de estudo	29
3.4. Breve caracterização da Escola Secundária Camões	29
3.5. Participantes.....	31
3.6. Instrumento.....	33
3.7. Estrutura fatorial e fiabilidade da Escala de Sensibilidade intercultural.....	34

Capítulo 4. Apresentação dos Resultados.....	37
4.1. Perceção dos refugiados e grau de concordância relativamente ao seu acolhimento em Portugal	37
4.2. Interesse em participar em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados	43
4.3. Níveis de sensibilidade intercultural na amostra e identificação da subescala com maior significância	44
4.4. Apresentação dos resultados estatísticos	45
4.5. Correlação entre variáveis.....	59
4.6. Discussão dos Resultados.....	62
 Conclusão.	 68
Bibliografia.....	71

Anexo I: Questionário utilizado no estudo i

Anexo II: Ofício de enquadramento aos professores. ii

Anexo III: Resultados da primeira análise de componentes principais (24 itens). iii

Anexo IV: Outputs estatísticos produzidos no âmbito do estudo.....iv

1. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* área/agrupamento de estudo (artes visuais, ciências e tecnologias, informática e línguas e humanidades)
2. Variável sociodemográfica sexo *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
3. Variável sociodemográfica idade *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
4. Grau de escolaridade da mãe *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
5. Grau de escolaridade do pai *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
6. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* forma como os jovens se consideram informados relativamente ao tema dos refugiados.
7. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.
8. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* confiança nos refugiados.
9. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* concordância com a atribuição aos refugiados dos mesmos direitos que os cidadãos portugueses.
10. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* aceitação de um refugiado na minha “comunidade/bairro”.
11. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* perceção dos refugiados relativamente aos valores e princípios morais quando comparados com os portugueses.
12. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* perceção dos refugiados relativamente às crenças e práticas religiosas quando comparados com os portugueses.
13. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* perceção dos refugiados relativamente à língua quando comparados com os portugueses.
14. Variável sociodemográfica sexo *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.
15. Variável idade *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.
16. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* conhecimento ou o contacto direto com um refugiado.
17. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* experiência do aluno em viver fora de Portugal.
18. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* naturalidade da mãe.
19. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* naturalidade do pai.

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Oposição à entrada de imigrantes – média por país

Gráfico 2: Apoio ao acolhimento de refugiados – média por país

Gráfico 3: Proporção de questionários por área de estudo

Gráfico 4: Concordância com o acolhimento de refugiados em Portugal

Gráfico 5: Confiança nos refugiados

Gráfico 6: Atribuição de direitos aos refugiados

Gráfico 7: Aceitação de um refugiado na minha comunidade/bairro

Gráfico 8: Perceção das diferenças - Valores e princípios morais

Gráfico 9: Perceção das diferenças - Crenças e práticas religiosas

Gráfico 10: Perceção das diferenças - Língua

Gráfico 11: Contacto com refugiados

Gráfico 12: Histograma - distribuição das frequências da sensibilidade intercultural na amostra

Lista de Tabelas

Tabela 1: Resumo da caracterização sociodemográfica da amostra

Tabela 2: Análise de Componentes Principais - Matriz de Componentes Rotados

Tabela 3: Concordância com acolhimento de refugiados – por género

Tabela 4: Interesse em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados dados globais e repartição por sexo

Tabela 5: Interesse em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados dados por área de estudo

Tabela 6: Dimensões da Escala de Sensibilidade Intercultural

Tabela 7: Área/agrupamento de estudo – Sensibilidade intercultural

Tabela 8: Variável sexo - Sensibilidade Intercultural

Tabela 9: Escolaridade da mãe – Sensibilidade Intercultural

Tabela 10: Escolaridade do pai – Sensibilidade Intercultural

Tabela 11: Auto percepção do nível de informação – Sensibilidade Intercultural

Tabela 12: Acolhimento – Sensibilidade Intercultural

Tabela 13: Confiança nos refugiados – Sensibilidade Intercultural

Tabela 14: Atribuição de direitos – Sensibilidade Intercultural

Tabela 15: Refugiado na minha “comunidade/bairro – Sensibilidade Intercultural

Tabela 16: Valores e princípios morais – Sensibilidade Intercultural

Tabela 17: Crenças e práticas religiosas – Sensibilidade Intercultural

Tabela 18: Língua – Sensibilidade Intercultural

Tabela 19: Idade – Acolhimento dos refugiados

Tabela 20: Correlações entre variáveis

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CPR - Conselho Português para os Refugiados

EU - União Europeia

OIM - Organização Internacional para as Migrações

ONU - Organização das Nações Unidas

OUA - Organização da Unidade Africana

Introdução

A importância social e política dada às questões relacionadas com a mobilidade humana, migrações e asilo tem crescido, sendo que estamos a assistir nos últimos anos a um aumento do movimento de pessoas migrantes¹ por todo o mundo. Em 2015, de acordo com a ONU o número de migrantes internacionais foi o mais alto alguma vez registado, atingido os 244 milhões.

Foram registadas um total de 15,1 milhões de pessoas afetadas pelo deslocamento forçado em 2015, representando um aumento de 45%² num período de três anos e meio (OIM 2016). Estas cifras incluem os refugiados, requerentes de asilo e pessoas deslocadas internamente em várias regiões do mundo.

A UE recebeu em 2015, um total de 1,2 milhões de pedidos de asilo pela primeira vez, um número superior ao dobro do ano anterior (Eurostat 2016). Cerca de um em cada três novos requerentes de asilo, eram menores de idade, dos quais um em cada quatro, foram considerados menores não acompanhados³. No Eurobarómetro (2015), os europeus colocaram as migrações em segundo lugar, na lista dos desafios mais urgentes que a UE terá de enfrentar.

Em sociedades globalizadas mostra-se extremamente importante sermos capazes de comunicar de forma eficaz e apropriada em diferentes cenários culturais, processo o qual não acontece de forma automática (Taylor, 1994).

¹ Qualquer pessoa que mude o seu país de residência habitual por um período de pelo menos 3 meses

² Este aumento deve-se em grande parte ao conflito na República Árabe da Síria.

³ Menores de 18 anos que não são acompanhados pelos seus pais ou por um tutor legal

Nos processos de acolhimento de imigrantes ou refugiados o domínio de competências de comunicação na interação entre pessoas com distintos patrimónios culturais assume especial importância, sobretudo quando os europeus revelam pouca abertura em relação a migrantes oriundos de um grupo étnico diferente da maioria, existindo uma perceção negativa dos efeitos na vida cultural do país (ESS 7, 2016).

Portugal, no âmbito da Agenda Europeia para as Migrações (2015), comprometeu-se a acolher 4574 pessoas refugiadas recolocadas, até 30 de setembro de 2017, muitas das quais são crianças e jovens em idade escolar.

O presente trabalho de investigação pretende sublinhar a importância da realização de estudos desta natureza no meio escolar, envolvendo especificamente uma população jovem, procurando entre outras questões aferir as suas habilidades de comunicação.

Comunicar de forma hábil e eficaz, mostra-se relevante em todos os domínios caracterizados pela diversidade, nomeadamente o escolar, contexto no qual, de acordo com Hortas (2013) “ainda persistem dificuldades na inclusão das crianças e jovens imigrantes”.

No modelo de competências de comunicação intercultural de Chen e Starosta (1996), a sensibilidade intercultural representa a dimensão afetiva, relacionada ao desejo emocional de uma pessoa de reconhecer, aceitar e desfrutar as diferenças culturais, implicando a capacidade de receber e enviar sinais emocionais positivos antes, durante e após uma interação intercultural.

Os mesmos autores referem que níveis elevados de sensibilidade intercultural remetem para a existência de respostas emocionais positivas, as quais promovem o reconhecimento e o respeito pelas diferenças culturais. Níveis elevados de sensibilidade intercultural facilitam os processos de integração, contribuindo simultaneamente para a prevenção de episódios de racismo e xenofobia direcionados a grupos minoritários.

Este estudo, com recurso a uma adaptação da escala de sensibilidade intercultural de Chen e Starosta (1996), pretende medir os níveis de sensibilidade intercultural numa amostra composta por alunos do ensino secundário, assim como aferir as suas perceções relativamente aos refugiados.

Entre outras questões, os participantes que compõem a amostra foram questionados relativamente à forma como se sentem informados acerca desta temática, bem como quanto ao acolhimento dos refugiados em Portugal.

O primeiro capítulo terá enfoque nas questões da “Migrações e Asilo”, abrangendo o tópico da proteção internacional, reinstalação e recolocação de refugiados, com enfoque no modo como se encontra estruturado. O segundo tópico abordará as migrações forçadas na perspetiva de uma disciplina de investigação multidisciplinar, internacional e multissetorial. O capítulo encerra com uma contextualização dos requerentes de asilo e refugiados no Mundo, destacando os países de acolhimento e de origem, assim como o panorama na Europa e em Portugal.

No segundo capítulo faremos um enquadramento das temáticas associadas à sensibilidade intercultural, com relevo para o modelo de competência de comunicação intercultural de Chen e Starosta (2000). O capítulo abordará ainda questões ligadas à perceção de pessoas imigrantes e pessoas refugiadas.

A metodologia de investigação será detalhada no terceiro capítulo, onde serão apresentadas as perguntas de investigação, uma descrição da escola onde o trabalho de campo foi desenvolvido, assim como uma caracterização sociodemográfica dos participantes. O capítulo encerrará com uma descrição do instrumento utilizado neste trabalho.

No último capítulo, exibiremos as percepções dos alunos em relação aos refugiados e o seu grau de concordância relativamente ao seu acolhimento em Portugal. Previamente à discussão, iremos apresentar os níveis de sensibilidade intercultural observados, e serão detalhados os resultados apurados com base em metodologias estatísticas.

Nas conclusões deste trabalho académico partilharemos algumas reflexões, nas quais abordaremos as limitações do estudo, assim como propostas para a realização de investigações futuras.

Capítulo 1. Migrações e Asilo

1.1. Regime de proteção internacional de refugiados

Embora esta dissertação esteja associada a um contexto particular, envolvendo alunos de uma escola pública de Lisboa (Portugal), por tratar-se de um tema global, mostra-se pertinente caracterizar de forma abrangente o panorama atual, começando pelos fundamentos do sistema jurídico internacional de proteção de requerentes de asilo e pessoas refugiadas.

Nesta seção apresentaremos o sistema de proteção internacional, explicando a sua estruturação e principais disposições, enquadrando os mecanismos que permitem a reinstalação e a recolocação de refugiados.

O regime jurídico específico que protege os direitos dos refugiados é designado por "proteção internacional dos refugiados". A fundamentação deste regime assenta no fato de que os refugiados são pessoas que estão numa situação particularmente vulnerável⁴, a qual exige salvaguardas adicionais (ONU 2017).

O Artigo 14º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU 1948) proclama o direito de todos a solicitarem e a usufruírem de asilo. No entanto, não foi dado um conteúdo claro à noção de asilo a nível internacional até à adoção da Convenção de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados, ficando o ACNUR encarregado de supervisionar a sua aplicação.

A Convenção de 1951 e o seu Protocolo de 1967 (ACNUR 2011), bem como outros instrumentos jurídicos regionais, como a Convenção da OUA (1969), que regula aspetos

⁴ Os “requerentes de asilo” e os “refugiados” não beneficiam da proteção do seu próprio país (ONU 2017)

específicos dos problemas dos refugiados em África, constituem o pilar do regime moderno de proteção dos refugiados, estabelecendo uma definição de refugiado universal, e incorporam os direitos e obrigações básicos dos refugiados.

As disposições da Convenção de 1951 continuam a ser a principal norma internacional no que diz respeito às medidas de proteção e tratamento dos refugiados. A sua disposição mais importante, o princípio de “não existência de retornos forçados” (*non-refoulement*), contida no artigo 33.º, é a base do regime.

De acordo com este princípio, os refugiados não devem ser expulsos ou devolvidos a situações em que a sua vida ou a sua liberdade estariam ameaçadas. Os Estados são os principais responsáveis por esta proteção. O ACNUR trabalha em estreita colaboração com os governos, aconselhando-os e apoiando-os, conforme necessário, para implementar as suas responsabilidades.

Muitos refugiados estão impossibilitados de regressar devido à permanência de conflitos, guerras e perseguições, sendo que podem ter procurado proteção em países onde suas necessidades específicas não podem ser atendidas. Nestas situações o ACNUR facilita o processo de reinstalação (*resettlement*) para um terceiro país (ONU 2016).

A reinstalação de refugiados ao nível europeu consiste na seleção e transferência de refugiados, quando a sua integração não é possível num primeiro país de asilo fora da União Europeia, para um segundo país (um Estado-membro), que aceita o acolhimento, concedendo um direito de residência permanente (CPR 2016). O processo de reinstalação começa com a identificação por parte do ACNUR de refugiados elegíveis para o programa, submetendo posteriormente a países que mantêm programas de reinstalação, os processos destes refugiados para apreciação. Após a decisão, os refugiados são reinstalados no segundo país com direitos inerentes ao estatuto. Portugal mantém um Programa de Reinstalação desde 2006, tendo já acolhido cerca de 219 pessoas, de perto de duas dezenas

de nacionalidades. O CPR atua em Portugal enquanto representante do ACNUR, existindo uma estreita colaboração entre estas duas organizações.

Já o processo de recolocação de refugiados (*relocation*) ocorre apenas no âmbito da transferência de requerentes entre Estados-Membros da UE, procurando aliviar os sistemas de asilo mais sobrecarregados em determinados países. A recolocação está dependente de acordo entre os Estados-Membros e o requerente de asilo (CPR 2016).

Em maio de 2015, no âmbito da Agenda Europeia para as Migrações, foi elaborada uma proposta a fim de recolocar num período de dois anos 160.000 requerentes de asilo a partir da Itália e da Grécia (CE 2015).

No quadro da recolocação, Portugal assumiu o compromisso de acolher até 4574 refugiados a partir da Grécia e da Itália. Neste âmbito foi criado um grupo de trabalho coordenado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, com uma representação multidisciplinar, integrado por elementos da Direção-Geral dos Assuntos Europeus/Ministério dos Negócios Estrangeiros, do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, do Instituto da Segurança Social, do Instituto do Emprego e da Formação Profissional, da Direção-Geral da Saúde, da Direção-Geral da Educação e do Alto Comissariado para as Migrações, I.P., mas também da sociedade civil, como o CPR, a Cruz Vermelha Portuguesa ou a Plataforma de Apoio aos Refugiados (CPR 2016).

Relativamente ao processo de recolocação, a comunicação social tem reportando a existência de situações onde o paradeiro de um número indeterminado de pessoas é desconhecido, não existindo, contudo, estatísticas oficiais. O jornal Diário de Notícias publicou que refugiados acolhidos em Portugal, ao abrigo do acordo da União Europeia abandonaram o país (DN 2017). Uma eventual não permanência nos países onde são recolocados, não se trata de um fenómeno exclusivamente português, tal como indica o porta-voz da Comissão Europeia para as Migrações (DN 2017). Contudo, uma potencial

proliferação de notícias referentes à não permanência dos recolocados no país, poderá impactar a opinião pública, contribuindo para a construção de imagens/representações negativas sobre as pessoas refugiadas.

No âmbito da proteção internacional estão previstos mecanismos de proteção complementares à situação dos refugiados, orientados para a salvaguarda de direitos humanos fundamentais de pessoas a quem falta proteção no seu país de origem. A proteção subsidiária corresponde a um estatuto conferido a um nacional de país terceiro ou apátrida que não possa ser considerado refugiado, mas em relação a quem se verificou existirem motivos significativos para acreditar que, caso volte para o seu país de origem ou, no caso de um apátrida, para o país em que tinha a sua residência habitual, corra um risco real de sofrer ofensa grave na aceção da Diretiva 2004/83/CE, e que não possa ou, em virtude dos referidos riscos, não queira pedir a proteção desse país (OM/ACM 2016).

1.2. Requerentes de asilo e refugiados – países de acolhimento e de origem

O número de migrantes internacionais mais do que duplicou entre 1980 e 2010, de 103 milhões para 220 milhões, atingindo os 243,7 milhões no ano de 2015 (ONU 2013, 2015).

As cifras referentes aos refugiados no ano 2000 apontavam para a existência de 15,9 milhões, verificando-se uma evolução para 21,3 milhões em 2015¹.

Os dez países que atualmente acolhem um número maior de refugiados, são por ordem de grandeza, a Turquia (2.541.352), o Paquistão (1.561.162), o Líbano (1.070.854), o Irão (979.437), a Etiópia (763.086), a Jordânia (664.118), o Quênia (553.912), o Uganda (477.187), a República Democrática do Congo (383.095), e o Chade (369.540) (ONU 2015). De acordo com a mesma fonte, metade dos refugiados são crianças, e cerca de metade são originários de três países devastados pela guerra, a Síria, o Afeganistão e a Somália.

No que diz respeito aos países de origem, a lista é liderada por países em desenvolvimento, sendo a maioria destes países, os países mais comuns de origem nos últimos cinco anos. Os dez países de origem dos refugiados representavam um total de 76% (12,2 milhões) da população mundial de refugiados sob o mandato do ACNUR (2015).

Com um total de 4,9 milhões de refugiados distribuídos por 120 países do mundo, a República Árabe Síria foi em 2015 o principal país de origem de pessoas refugiadas. Sendo de salientar que estes números não incluem os requerentes de asilo que se encontram a aguardar uma decisão relativamente ao seu processo à data de 31 de dezembro de 2015, ou os indivíduos a quem foi concedida uma permanência temporária ao abrigo de formas de proteção subsidiárias.

O Afeganistão ocupa o segundo lugar (2,7 milhões), seguindo-se os seguintes países, Somália (1,12), Sudão do Sul (778.700), Sudão (628.800), República Democrática do Congo (541.500), República Centro Africana (471.100), Myanmar (451.800), Eritreia (411.300), e Colômbia (340.200).

No final de 2015, o ACNUR tinha sinalizado um total de 63,9 milhões de pessoas enquanto integrantes de grupos merecedores de atenção (*population of concern*). O grupo de merecedores de atenção é composto por diferentes subgrupos, incluindo refugiados, requerentes de asilo, pessoas deslocadas internamente assistidas pelo ACNUR, apátridas e retornados (refugiados e deslocados internos retornados).

Dados do Centro de Monitorização de Deslocados Internos (IDMC 2017), remetem para a existência de 3,2 milhões de requerentes de asilo no final de 2015. Segundo esta organização internacional a Alemanha foi o país que recebeu o maior número de novos pedidos de asilo em 2015, com 441.900 solicitações, seguido dos Estados Unidos da América (172.700), da Suécia (156.400), e da Federação Russa (152.500).

No final de 2015 o ACNUR apresentou aos Estados um total de 134.000 refugiados para processos de reinstalação (*resettlement*), tendo sido admitidas de acordo com as estatísticas oficiais 107.100 refugiados ao longo do ano, com e sem a assistência da agência (IDMC 2017).

As crianças com menos de 18 anos constituíram, em 2015, cerca de metade da população dos refugiados. Foram identificadas em 2015 um total de 98.400 solicitações de asilo por parte de menores não acompanhados em 78 países, sobretudo Afegãos, Eritreias, Sírias e Somalis (IDMC 2017).

1.3. A situação na Europa e em Portugal

Depois de uma caracterização do fenómeno à escala global, realçando os principais países de origem e de acolhimento, nesta secção daremos enfoque à situação na Europa e em Portugal, ressaltando alguns dos principais acontecimentos ocorridos durante o ano de 2015.

Em 2015 assistimos a um total de 1.015.078 chegadas à Europa por via do mar, envolvendo 3.771 registos de mortes/desaparecimento (ACNUR 2016). A maioria dos recém-chegados, aproximadamente 850.000 pessoas - atravessou o Mar Egeu via Turquia e chegou à Grécia. As crianças constituíram 25% do total das chegadas à Grécia, Itália e Espanha em 2015.

O CPR (2016), parceiro operacional e representante do ACNUR em Portugal, no âmbito da “crise europeia de refugiados”, identificou no seu relatório de atividades de 2015, alguns momentos marcantes ocorridos nesse ano, sendo eles:

- Abril – Centenas de pessoas desaparecidas no Mediterrâneo – Mais de 600 pessoas morreram na sequência de um naufrágio a 180 km da Ilha Italiana de Lampedusa. O ACNUR apela aos países europeus para a realização de uma operação de resgate no mar mais robusta. A Comissão Europeia apresenta um plano de 10 pontos com ações imediatas em resposta à situação de crise no Mediterrâneo.
- Maio – Adoção da Agenda Europeia da Migração – A 13 de maio de 2015 a Comissão Europeia adotou a Agenda Europeia da Migração e a 27 do mesmo mês criou o mecanismo para recolocar, a partir de Itália e da Grécia, 40.000 pessoas.
- Setembro – A morte da criança Aylan Kurdi – A morte de uma criança síria, Aylan Kurdi, cujo corpo apareceu numa praia turca depois de uma tentativa fracassada de alcançar a Grécia, lançou um novo holofote sobre as tragédias humanas daqueles que tentam chegar às costas da Europa. A 9 de setembro, a UE aumentou a quota de

recolocação de pessoas a partir de Itália, da Grécia e de outros Estados-Membros diretamente afetados pela crise para um total de 160.000.

- Outubro – Primeiros processos de recolocação – Um grupo de 19 requerentes foi transferido a 9 de outubro da Itália para a Suécia no âmbito do programa de recolocação da UE.
- Novembro – Início da recolocação a partir da Grécia - Um grupo de 30 pessoas partiu da Grécia em direção ao Luxemburgo.
- Dezembro – Chegada dos primeiros recolocados a Portugal - Os primeiros 24 requerentes recolocados em Portugal ao abrigo do programa da UE chegaram a 17 de dezembro, vindos de centros de acolhimento da Grécia e Itália.

De acordo com o ACNUR (2016) em 2015 foram apresentados mais de 2 milhões⁵ de pedidos de asilo em 38 países europeus, quase três vezes o número de 2014 (709.800). No contexto europeu, os principais países de origem dos requerentes são a República Síria (675.700), o Afeganistão (406.300) e o Iraque (253.600). Os Estados-Membros da União Europeia (UE) receberam mais de 1,2 milhões de pedidos de asilo nesse ano, tendo a Alemanha e a Suécia recebido cerca de 50% dos pedidos lançados na UE.

Dados do CPR indicam que em 2015, foram acolhidas 935 pessoas com necessidades de proteção em Portugal, das quais 872 eram requerentes, 39 refugiados reinstalados e 24 requerentes recolocados. Os 872 pedidos de proteção internacional⁶ apresentados em 2015, representam um aumento de 97% relativamente ao número total de pedidos apresentados em 2014 (442). A mesma organização estimava que no final de 2015, residissem em Portugal um total de 550 refugiados reconhecidos.

⁵ Embora o registo de informação estatística em 2015 possa incluir situações de dupla contagem.

⁶ Os pedidos de proteção foram apresentados por requerentes de 52 nacionalidades diferentes, sendo as mais representativas a Ucrânia, a China, o Mali e o Paquistão.

1.4. Migrações forçadas

O estudo dos refugiados enquadra-se no âmbito das migrações forçadas, um campo de pesquisa e prática em rápida expansão, através de uma abordagem multidisciplinar, internacional e multissetorial.

A definição de migrações forçadas foi promovida pela Associação Internacional para o Estudo da Migração Forçada⁷, enquanto um conceito relacionado com o movimento dos refugiados e populações deslocadas internamente por motivos de conflitos, desastres naturais ou ambientais, desastres químicos ou nucleares, fome, ou projetos de desenvolvimento (IASFM 2017).

Nos tipos de migrações forçadas temos o deslocamento motivado por guerras e conflitos armados, pelo desenvolvimento, ou por desastres. As guerras e os conflitos armados são uma das principais causas da migração forçada, na qual o deslocamento forçado é frequentemente usado como uma estratégia de guerra que visa afetar as relações de gênero, por meio da desagregação familiar e da desestabilização social (El Jack 2003).

"O deslocamento forçado constitui uma violação dos direitos humanos, económicos, políticos e sociais, verificando-se o incumprimento das leis humanitárias internacionais" (Moser e Clark 2001: 32).

O deslocamento não implica necessariamente o cruzar de fronteiras internacionais, pois este fenómeno ocorre igualmente a nível interno, contudo, a Convenção da ONU para os Refugiados de 1951 apenas protege as pessoas deslocadas para fora das suas fronteiras nativas, aumentando a vulnerabilidade dos deslocados internos, sobretudo quando os seus países não estão dispostos a cooperar com as agências internacionais (OMS 2001: 23).

⁷ *International Association for the Study of Forced Migration*

O deslocamento é muitas vezes visto como um fenômeno temporário ou transitório, contudo, a experiência em países como o Peru, Sri Lanka, Somália ou o Sudão indicam que na verdade trata-se de um processo prolongado, no qual um número significativo de pessoas são forçadas a se moverem mais de uma vez e por períodos significativos de tempo (Indra 1999).

A violação contínua dos direitos humanos e, especialmente, os direitos humanos das mulheres, em zonas de conflito continua a ocorrer apesar da existência de leis e convenções internacionais destinadas a prevenir tais violações (El Jack 2003).

A ONU (2015) estima que em 2015 existiam um total de 244 milhões de migrantes internacionais à escala global, representando um aumento de 41% em relação ao ano 2000. Este número inclui perto de 20 milhões de refugiados.

A migração trata-se de um processo de mudança, implicando a passagem de uma fronteira internacional ou uma movimentação dentro de um dado país, abrangendo qualquer tipo de movimento de pessoas, independentemente das causas (Compass 2016).

Para o Comité Europeu para as Migrações (Cit. in Compass 2016) o termo “migrantes” dependendo do contexto, associa-se às pessoas emigrantes, migrantes retornadas, imigrantes, refugiadas, deslocadas e ainda às pessoas de origem imigrante e/ou membros de minorias étnicas que foram criadas por meio da imigração.

A OIM (2011) faz uso do termo “migrante” “nos casos em que a decisão de migrar é tomada livremente pela pessoa em causa por razões de conveniência pessoal e sem intervenção de um fator externo consistente”.

Muitas pessoas migrantes deixam o seu país por razões económicas e para fugir a abusos de Direitos Humanos, sendo que mesmo os migrantes por razões económicas podem ser considerados migrantes forçados quando fogem de situações em que os seus direitos económicos são violados (Compass 2016).

No entanto, para o ACNUR (2007) as pessoas refugiadas e requerentes de asilo constituem um grupo distinto, composto por pessoas que deixaram as suas regiões em resposta a graves ameaças à sua vida e à sua liberdade.

Embora exista uma interconexão numa série de aspetos, os termos “refugiado” e “migrantes” não são sinónimos, existindo diferenças legais substanciais entre os dois conceitos. O termo “migrante” inclui diversos conceitos abrangendo pessoas que se moveram para um país estrangeiro, por um determinado período de tempo – o qual não deve ser confundido com visitantes de curta duração, como é o caso de turistas ou comerciantes (ACNUR 2017).

Os migrantes são diferentes dos refugiados, existindo para cada um dos grupos uma moldura legal internacional diferente. Contudo, migrantes e refugiados cada vez mais fazem recurso das mesmas rotas e meios de transporte para chegar a um mesmo “destino”, compondo fluxos mistos (ACNUR 2017).

O ACNUR, relativamente a grupos, compostos por refugiados e migrantes, recomenda que seja adotada a designação de "refugiados e migrantes", procurando reconhecer que todas as pessoas em movimento têm direitos humanos, sendo que os refugiados e requerentes de asilo têm necessidades e direitos específicos que são protegidos por um quadro jurídico específico (ACNUR 2016).

A designação de “migrante internacional” aplica-se a pessoas que se encontram fora do seu país de nascimento por um período de pelo menos um ano, independentemente do

motivo da migração ou do estatuto legal. Associado a este termo, é feita uma distinção entre migração de curta duração ou temporária, abrangendo movimentos com uma duração entre três e 12 meses e migração de longa duração ou permanente, referindo-se a uma mudança de país de residência por um ano ou mais (ONU 2013).

A ONU (2017) define como “refugiados”, pessoas que se encontram fora do seu país de origem por recearem perseguições, conflitos, violência generalizada ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública, as quais exijam proteção internacional.

Um “requerente de asilo” de acordo com o Centro de Monitorização de Deslocados Internos (2015), é um indivíduo que procura proteção internacional, estando o seu estatuto de “refugiado” ainda por determinar. Cerca de 2,45 milhões de pedidos individuais para asilo ou estatuto de refugiado foram submetidas aos Estados ou ao ACNUR em 174 países ou territórios em 2015.

Ser reconhecido como refugiado, implica o processo de “Determinação do Estatuto de Refugiado”. Este é o processo legal ou administrativo pelo qual os governos ou o ACNUR determinam se uma pessoa que procura proteção internacional é considerada refugiada, de acordo com a legislação internacional, regional ou nacional. Numa primeira fase, são os Estados os responsáveis por determinar o estatuto dos requerentes de asilo, no entanto, o ACNUR pode fazê-lo quando os Estados estão impedidos, ou não o pretendem fazer (ACNUR 2017).

O ACNUR nos últimos anos tem conduzido este processo num número cada vez maior de países, devido ao aumento e às mudanças no que diz respeito aos padrões de mobilidade humana, registando em 2013 um número record de 203.200 pedidos de asilo, comparado com 125.500 no ano anterior (ACNUR 2017).

O ACNUR (2017), no âmbito da proteção dos refugiados, é responsável por:

- Promover a adesão à Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados e ao seu Protocolo de 1967, à Convenção de 1954 relativa ao Estatuto dos Apátridas e à Convenção de 1961 sobre a Redução dos Casos de Apatridia.
- Apoiar os Estados no processo de promulgação ou revisão da legislação nacional relativa aos refugiados, incluindo a disponibilização de instruções administrativas e diretrizes operacionais, assim como na implementação de procedimentos nacionais de determinação do estatuto de refugiado.
- Fortalecer as instituições administrativas e judiciais relevantes, capacitar o potencial dos recursos humanos das agências governamentais e não-governamentais e estabelecer ligação com os órgãos relevantes de direitos humanos.

Capítulo 2. Sensibilidade Intercultural e percepção de imigrantes e refugiados

2.1. Sensibilidade Intercultural

A convivência de indivíduos de diferentes culturas num mesmo contexto, não garante por si só a existência, ou o desenvolvimento de competências interculturais. Cada vez mais, somos confrontados com inúmeras diferenças (culturais, étnicas, de valores, entre outras), as quais influenciam a maneira como comunicamos (Alred & Byram, 2002; Tesoriero, 2006, cit. in Bilgili et. al. 2015). Nesta vertente, construtos relacionados com a competência comunicativa intercultural ganham especial relevância.

O modelo de competência comunicativa intercultural de Chen e Starosta (2000) pretende promover atitudes de reconhecimento, respeito, tolerância e integração de diferenças culturais, visando a edificação de uma cidadania global (Vila 2008).

A competência comunicativa intercultural encontra-se subdividida em três vertentes, sendo elas: a competência intercultural, a sensibilidade intercultural e a consciência intercultural. De acordo com estes autores, as três competências estão intimamente relacionadas, mas são conceitos separados. Os autores criticam estudo anteriores no campo da competência comunicativa intercultural, como sendo demasiado ambíguos do ponto de vista conceptual, não diferenciando de forma clara o conceito de competência comunicacional de outros construtos relacionados.

Chen e Starosta (1996; 1998; 2000) definem a competência comunicativa, em processos de comunicação intercultural, como um conceito abrangente composto por três componentes, os quais estão estruturados da seguinte forma:

- Componente cognitiva, materializada no conceito da consciência intercultural, ligada ao “entendimento das convenções culturais que afetam a forma como pensamos e comportamos”;

- Componente comportamental, representada pelo conceito de destreza intercultural, referindo-se “à capacidade de dar conta do recado e alcançar os objetivos de comunicação em interações interculturais”;

- Componente afetiva, associada ao conceito de sensibilidade intercultural referindo-se ao “desejo ativo [dos sujeitos] se auto motivarem a compreenderem, a apreciarem e a aceitar as diferenças entre as culturas”.

Para Chen e Starosta (1996) a sensibilidade intercultural está ligada ao “desejo que motiva as pessoas a conhecer, compreender, apreciar e aceitar as diferenças entre culturas”, funcionando como um elemento facilitador e responsável por fomentar atitudes positivas antes, durante e depois do encontro intercultural.

Esta competência mostra-se especialmente relevante no contexto de sociedades caracterizadas pela internacionalização e globalização, uma vez que uma pessoa competente interculturalmente é capaz de projetar e receber respostas emocionais positivas antes, durante e depois das interações interculturais (Chen e Starosta, 1996). Para Chen e Starosta (1997), a sensibilidade intercultural é uma das competências mais importantes, pois nos ajudam a viver com sucesso numa sociedade culturalmente diversa.

Indivíduos sensíveis do ponto de vista intercultural não são apenas conscientes em processos de interação, mas também são capazes de apreciar e respeitar a troca de ideias, independentemente das suas divergências, configurando-se numa forma de pensar que permite distinguir como os seus pares diferem ao nível do comportamento, percepções, ou

sentimentos no processo de comunicação intercultural (Bronfenbrener, Harding, e Gallway, 1958; Hart e Burks, 1972 cit. in Chen e Starosta, 2000).

Chen e Starosta (2000) especificaram seis componentes associados à sensibilidade intercultural, sendo eles:

- I. Autoestima – com uma perspectiva otimista, confiança na interação, pessoas com uma elevada autoestima para além do sentimento de auto valorização e importância, são também mais competentes a lidar com sentimentos de alienação, frustração e o stress causado por situações de ambiguidade existentes no processo de comunicação intercultural;
- II. Autorregulação – a capacidade de detetar constrangimentos situacionais, de forma a regular e alterar o nosso comportamento e formas de agir, em relações de comunicação intercultural;
- III. Abertura de mente – os sujeitos de mente aberta estão dispostos a explicarem-se e a aceitarem as explicações dos seus interlocutores, sendo indivíduos sensíveis às múltiplas realidades e formas da comunicação intercultural devido ao envolvimento das diferenças culturais;
- IV. Empatia – refere-se à capacidade de entrarmos na mente do “outro” culturalmente diferente desenvolvendo os mesmos pensamentos e emoções durante a interação, sendo considerado um componente central da sensibilidade intercultural. Os indivíduos empáticos preocupam-se mais com os sentimentos e reações dos outros, sendo mais precisos no entendimento dos estados internos dos seus interlocutores e mais capazes de expressar afeto, escuta ativa e compreensão em situações de comunicação intercultural;
- V. Envolvimento na interação – representando a sensibilidade dos sujeitos na interação, na qual verificando-se a existência de capacidade de resposta, atenção e percepção, permitindo um melhor entendimento das mensagens, acompanhado de uma interação apropriada;
- VI. Atitude de não julgar – associado ao ato de ouvir o nosso interlocutor culturalmente diferente, procurando não tirar conclusões precipitadas com base num conjunto insuficiente de informações.

Chen e Starosta (2000) desenvolveram uma escala dedicada à medição da sensibilidade intercultural, composta por 24 itens, os quais se encontram distribuídos por cinco fatores/dimensões, sendo eles: implicação na interação, respeito pelas diferenças culturais, confiança na interação, gosto na interação e atenção na interação.

A vertente afetiva da competência comunicativa intercultural, a sensibilidade intercultural, tem recebido grande atenção por parte da comunidade académica.

Os principais estudos sobre os fatores que favorecem a sensibilidade intercultural mostram que o desenvolvimento desta atitude está associado a experiências pessoais de imersão ou contacto com outras culturas (Anderson, Lawton, Rexeisen & Hubbard, 2006; Williams, 2005; De Santos, 2004; Straffon, 2003; Olson & Kroeger, 2001 cit. in Ruiz-Bernardo et al 2012). Esta perspetiva inclui indivíduos que experienciaram processos migratórios, ou que por diferentes razões tenham vivenciado a imersão numa outra cultura (Aguaded, 2006; Sanhuesa e Cardona, 2009 cit. in Ruiz-Bernardo et al 2012).

Embora a validade do modelo e a sua adequação a diferentes culturas tenha sido muitas vezes questionada, este instrumento tem ido usado por muitos investigadores em realidades culturais distintas (Tamam, 2010; Peng, 2006; Wu, 2009; Del Villar, 2010; Park, 2013 cit. in Wu 2015).

Ruiz-Bernardo (2012) levou a cabo o processo de validação da escala de sensibilidade intercultural na província de Castellón (Espanha), junto de uma amostra constituída por 997 pessoas com idade superior a 16 anos, de 37 nacionalidades diferentes, efetuando um diagnóstico adequado à sensibilidade intercultural, e identificando quatro perfis diferentes, assim como os fatores (pessoais e contextuais) que favorecem o desenvolvimento desta atitude.

O estudo da sensibilidade intercultural para Ruiz-Bernardo et al. (2014) é fulcral para promover a coexistência entre pessoas de diferentes culturas que partilham o mesmo espaço. A sensibilidade intercultural é assim um fator determinante, em relação à eficácia intercultural.

Na Catalunha (Espanha), a investigadora Vilà (2008) procurou diagnosticar o nível de competência intercultural no 3.º Ciclo de Educação Secundária, conseguindo identificar melhorias nas relações intergrupais dos participantes em três componentes da competência intercultural (aspetos cognitivos, afetivos e comportamentais).

Peng, et al. (2005) utilizou esta escala para medir a sensibilidade intercultural numa amostra composta por chineses e tailandeses, obtendo resultados válidos e confiantes.

Numa investigação na Ilha Formosa (Wu 2015) os resultados do método de ACP com rotação *Varimax* sugeriram igualmente um modelo alternativo, com 13 itens agrupados em torno de quatro dimensões (confiança na interação, envolvimento e atenção na interação, respeito pelas diferenças culturais e disfrute na interação). Nesta solução foram excluídos quatro itens.

Fritz e Chen (2002) testaram o modelo na Alemanha, com recurso à análise fatorial confirmatória, reproduzindo-o na íntegra através dos cinco fatores identificados, contudo, com a indicação que a operacionalização do instrumento é passível de ser melhorada.

Em Portugal, Ruiz-Bernardo e colaboradores (2013) foram responsáveis pela adaptação da escala de sensibilidade intercultural para a língua portuguesa, promovendo a sua aplicação junto de uma amostra fortuita ou acidental, constituída por um total de 112 pessoas. A maioria dos participantes da amostra em causa foram alunos, docentes e funcionários do Instituto Piaget (Campus Universitário de Almada- Portugal). Os resultados revelaram uma adaptação satisfatória do instrumento, estando a sua confiabilidade

garantida, através da obtenção de valores positivos obtidos no Coeficiente Alpha de Cronbach, o qual foi de 0,80, revelando uma boa consistência interna dos seus itens. Neste estudo através do método de ACP com rotação *Varimax*, observou-se uma composição diferente da proposta pelos autores da escala, composta por sete dimensões.

2.2. Percepção de imigrantes e refugiados

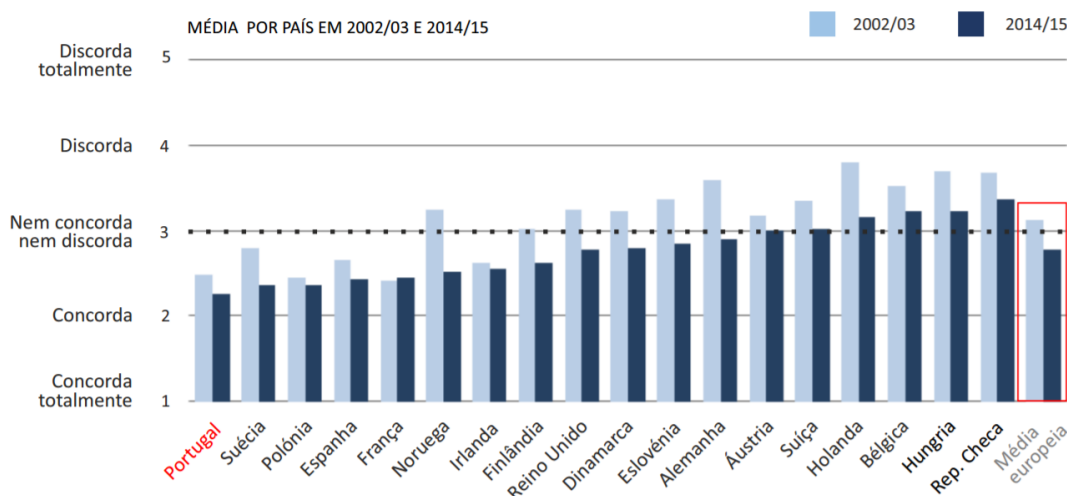
Nesta secção, incluiremos alguns dados do módulo especial do Inquérito Social Europeu 7, o qual incidiu especificamente nas atitudes dos europeus face à imigração, focando a questão da abertura/oposição à entrada de imigrantes e a abertura/oposição ao acolhimento de refugiados (Ramos, Louceiro e Graça 2016). Este estudo detém extrema importância devido ao seu carácter longitudinal e devido ao facto de ser realizado em diferentes países com os mesmos parâmetros, permitindo assinalar tendências, comparar resultados e acompanhar a evolução de atitudes.

O aumento do movimento de refugiados observado em 2015, colocou a Europa sobre pressão, motivando o surgimento de diversas manifestações de apoio, assim como, atitudes de xenofobia e apelos para o reforço no controle nas fronteiras.

Os inquiridos foram questionados sobre o grau de flexibilidade (ou abertura) que os governos nacionais deviam ter na avaliação dos pedidos de asilo. No Gráfico 1 podemos observar uma mudança de atitude, na maioria dos países, no sentido da aceitação.

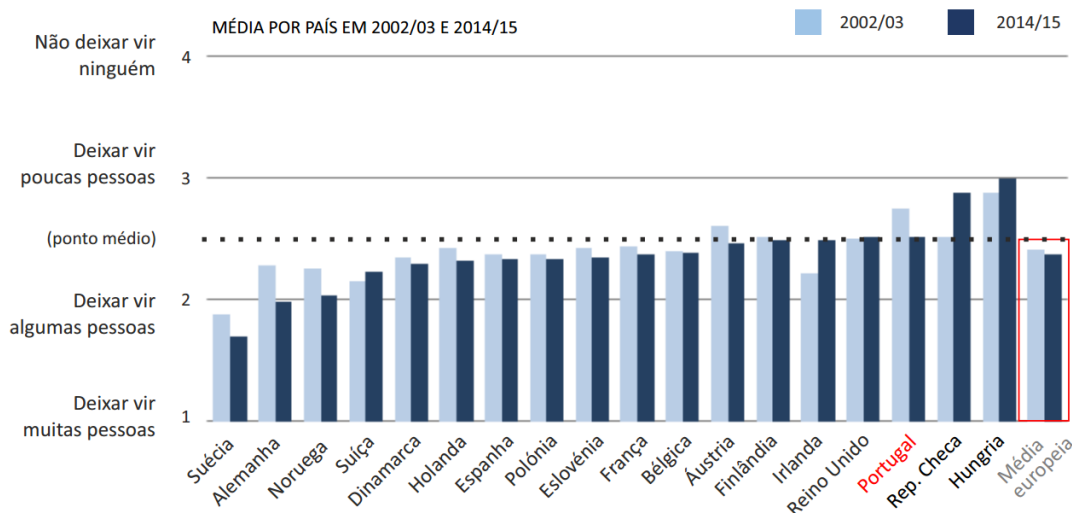
Portugal revelou abertura, sendo um dos países que defende uma maior flexibilidade, apresentado os valores mais abaixo do ponto médio da escala. Embora a média europeia em 2014/15 tenha ficado abaixo do ponto médio, alguns países revelam maior rejeição do que abertura, com valores acima do ponto médio da escala e da média europeia.

Gráfico 1: Grau de concordância com maior flexibilidade no acolhimento de refugiados



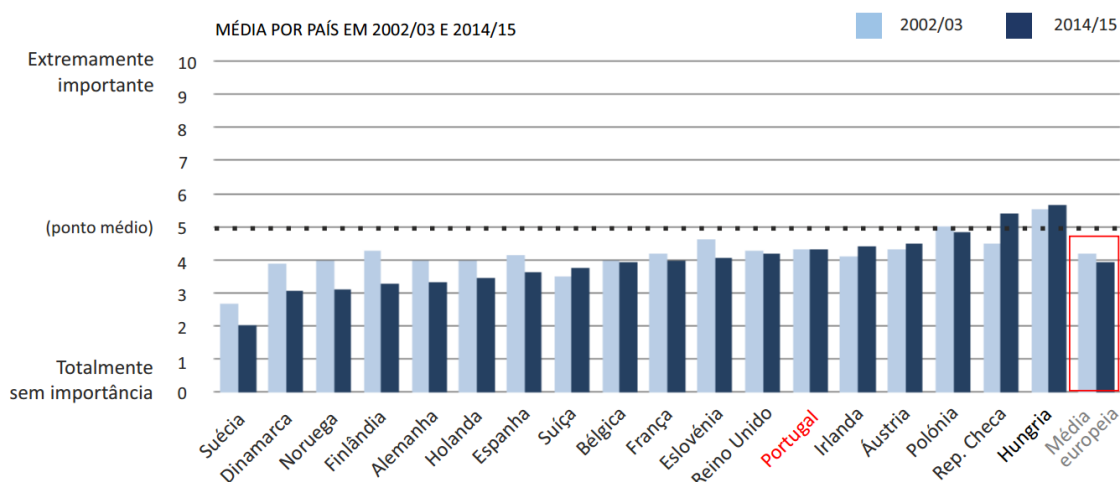
Face ao Índice geral de abertura/oposição à entrada de imigrantes (Gráfico 2), no qual a maioria dos países apresenta valores próximos do ponto médio da escala, verificamos que a atitude perante o acolhimento de refugiados é mais positiva do que a atitude face à receção de imigrantes em geral.

Gráfico 2: Índice geral de abertura/oposição à entrada de imigrantes



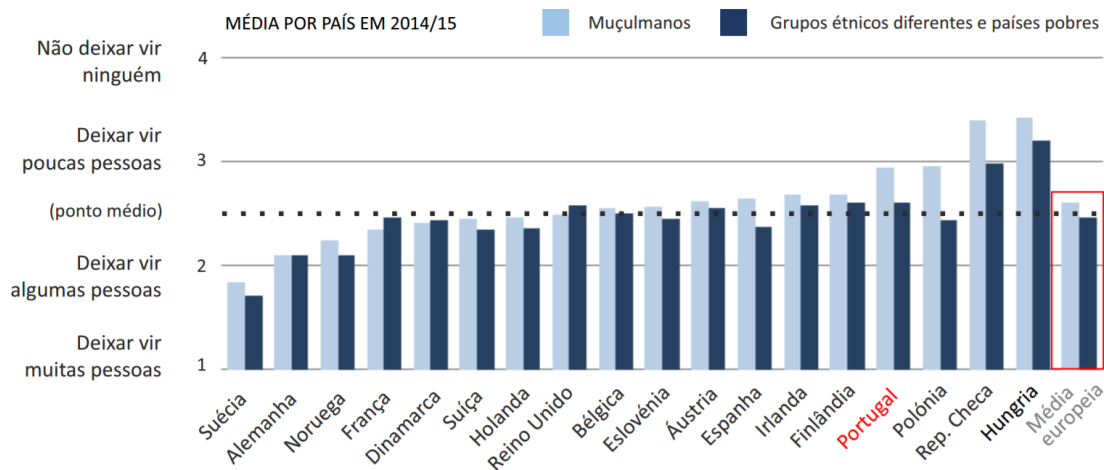
Quanto à importância atribuída a critérios etnicistas na seleção de imigrantes (ser branco, ter formação cristã e falar a língua do país de acolhimento), os resultados (Gráfico 3) indicam uma tendência para a sua desvalorização. Com exceção dos casos Hungria, da República Checa e da Polónia, todos os países apresentam valores médios significativamente abaixo do ponto médio da escala.

Gráfico 3: Importância atribuída a critérios etnicistas na seleção de migrantes



Embora Portugal revele abertura ao acolhimento de refugiados, simultaneamente é dos países que manifestam uma maior resistência a abrir as fronteiras a muçulmanos, do que a cidadãos de países pobres não europeus ou de grupos étnicos diferentes, como constatado no mesmo inquérito (Gráfico 4).

Gráfico 4: Abertura/oposição à entrada de imigrantes muçulmanos e de imigrantes de “grupos étnicos diferentes” e de “países pobres não europeus”



Estes resultados indicam que a atitude perante o acolhimento de refugiados evoluiu positivamente de 2002/03 para 2014/15, sendo mais positiva do que a atitude face à receção de imigrantes em geral. Contudo, os autores referem que a associação refugiado/imigrante aumentou, podendo significar que os refugiados poderão vir a ser no futuro, objeto de uma avaliação menos positiva por parte dos europeus (Ramos, Louceiro e Graça 2016).

Para Cabecinhas (1998) quando os membros de um grupo são percebidos como um todo homogêneo, perdem a sua individualidade, passando a ser percebidos apenas enquanto membros do grupo, tornando-se mais facilmente objeto de preconceito e de discriminação.

A investigação tem mostrado que a interação com o “outro” pode ser um fator importante para a construção de sentimentos de simpatia, sendo que a construção de sentimentos negativos, de antipatia social, está fortemente associada à emergência do preconceito e da discriminação, gerando barreiras sociais com impactos em diferentes dimensões da vida social (Ramos 2013). A autora refere-se ao preconceito como uma atitude negativa sobre pessoas e grupos, a qual não ocorre apenas com base na cor da pele, mas também por causa da religião, ou com base em comportamentos que consideramos social ou moralmente reprováveis.

Capítulo 3. Metodologia de investigação

3.1. Problema de investigação

O presente trabalho de investigação pretende avaliar a sensibilidade intercultural, e aferir as perceções de um grupo de alunos finalistas do ensino secundário, relativamente à temática dos refugiados.

3.2. Perguntas de investigação

Esta dissertação pretende aferir o nível de sensibilidade intercultural na amostra, verificar qual a subescala com maior significância, apurar as perceções e o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e averiguar se as variáveis sociodemográficas ou contextuais influenciam de forma significativa os resultados encontrados.

Procuraremos confirmar a existência de níveis favoráveis de sensibilidade intercultural na amostra, atendendo aos resultados obtidos em pesquisas realizadas junto de populações jovens. Vilá (2006), na Catalunha, Espanha, diagnosticou uma pontuação teoricamente intermédia⁸, junto de 638 alunos do 3º ciclo de educação secundária. López e colegas (2010), numa amostra composta por 107 alunos da *Universitat Jaume I*, com uma média de idades de 24,26 anos encontraram níveis elevados de sensibilidade intercultural, com uma pontuação média de 94,13. No estudo da sensibilidade intercultural junto de 494 jovens (entre os 15 e os 30 anos) em Castellón, Espanha, Ruiz-Bernardo e colegas (2014) os resultados indicaram que a amostra possuía um nível médio/alto de sensibilidade intercultural ($M= 88,6$).

⁸ Atendendo que na escala a pontuação mínima que se pode obter é de 24 pontos e a máxima é de 120 pontos. Uma pontuação média estaria situada na casa dos 72 pontos.

Investigações focadas nas diferenças entre gerações revelaram que a idade impacta as atitudes em relação à imigração, sendo que as pessoas mais velhas revelam atitudes significativamente mais restritivas (Coenders e Scheepers, 2003; Hainmueller e Hiscox, 2007; Hello et al., 2002 cit. in Meuleman et al 2009), esperamos que a amostra revele abertura face ao acolhimento de refugiados.

3.3. Tipo de estudo

Esta dissertação caracteriza-se por ser um estudo exploratório, descritivo, transversal e correlacional (Ribeiro 1999), realizada com o propósito de aprofundar o conhecimento dos fenómenos em análise.

3.4. Breve caracterização da Escola Secundária de Camões

Numa fase inicial do trabalho de campo, foram contactadas diferentes escolas e outras organizações que trabalham com jovens, todas elas localizadas na região da Grande Lisboa. No entanto, após solicitação formal foi a Escola Secundária de Camões a instituição que maior interesse e disponibilidade demonstrou para colaborar.

A Escola Secundária Camões, no seu Projeto Educativo 2014-2017 assume um perfil orientado para o envolvimento e empenho da comunidade educativa num projeto que se quer simultaneamente identitário, partilhado e plural.

Relativamente à sua caracterização, a atual *Escola Secundária de Camões*, antigo *Lyceu Camões* é uma das mais antigas e prestigiadas escolas de Lisboa. Está situada na Freguesia de Arroios, presentemente uma zona habitacional e de serviços, cuja centralidade e fácil acesso permite a existência de uma população escolar muito diversificada.

No ano letivo de 2013/14, a população escolar era aproximadamente de 1.100 alunos, no ensino diurno e 698 no ensino noturno. A comunidade escolar é constituída maioritariamente por jovens do sexo feminino, entre os 15 e os 20 anos de idade, originários de todos os estratos sociais e de diversos países.

No ano letivo em causa, estavam representadas na escola cerca de 20 nacionalidades diferentes (chegando a ser 39, no curso extraescolar “Português para Todos”), fator considerado como uma mais-valia pela própria escola.

No seu autodiagnóstico a Escola aponta como pontos fortes, a qualidade e diversidade das atividades curriculares e extracurriculares, tendo em vista a promoção de uma vivência plural e crítica dos alunos, nomeadamente através de práticas de tolerância cultural.

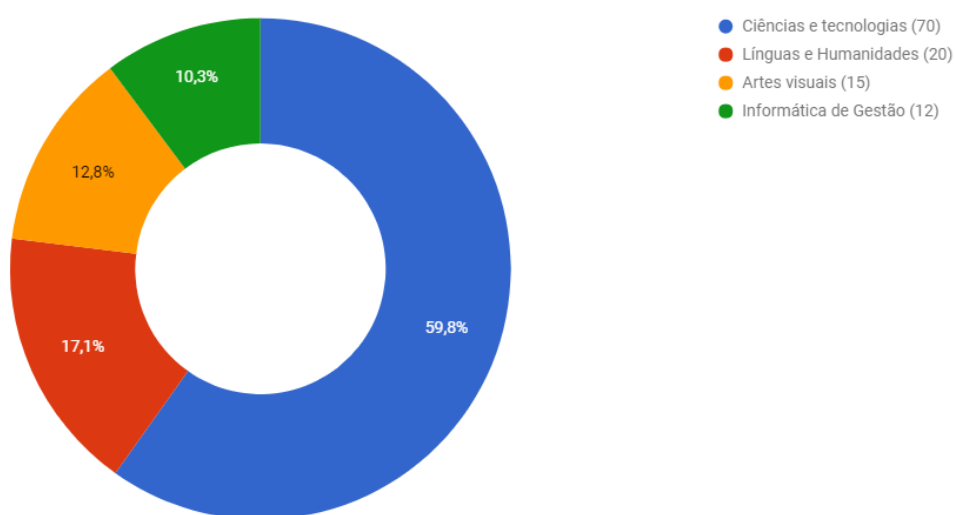
A Escola Secundária de Camões recebeu nos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014 o *Selo Escola Intercultural*⁹, devido à implementação de ações de valorização da diversidade linguística e cultural. Entre outras estratégias, a escola tem dinamizado atividades de promoção da multi/interculturalidade, com o intuito de evidenciar as diversas culturas dos alunos, em domínios tão variados como a literatura, cinema, música, dança, gastronomia, jogos, entre outras ações.

⁹ O Selo Escola Intercultural, criado em 2012, é uma iniciativa conjunta da Direção Geral da Educação do Ministério da Educação e Ciência e do Alto Comissariado para as Migrações, a qual visa distinguir as Escolas que se destacam na promoção de projetos com vista ao reconhecimento e à valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos/as.

3.5 Participantes

Fizeram parte da amostra um total de 117 jovens, alunos do 12º ano da Escola Secundária Camões em Lisboa, de ambos os sexos (43 rapazes e 74 raparigas), com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos ($M=17,50$; $DP=0,75$). A mostra inicial era composta por 118 questionários, contudo, um questionário foi excluído por estar preenchido de forma incorreta. No Gráfico 5, onde apresentamos a proporção de questionários por área de estudo podemos observar que a maioria dos alunos pertenciam ao agrupamento de “Ciências e Tecnologias”.

Gráfico 5: Proporção de questionários por área de estudo



Os questionários (Anexo I) foram aplicados entre dezembro de 2016 e fevereiro de 2017, após aprovação pela coordenação dos diretores de turma. Para cada um dos professores envolvidos foi fornecido um envelope com cerca de 25 questionários, acompanhado de um ofício (Anexo II) com orientações e informações relativas ao estudo.

Um resumo das características sociodemográficas da amostra em causa, são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1: Resumo da caracterização sociodemográfica da amostra

Média das idades		17,5
Sexo	Masculino:	43
	Feminino:	74
Naturalidade do aluno	PT	112
	Outra	5
Nacionalidade do aluno	PT	111
	PT e outra	5
	Outra	1
Vivência fora de Portugal	Sim	24
	Não	93
Naturalidade da mãe	PT	92
	Outra	25
Nacionalidade da mãe	PT	106
	PT e outra	3
	Outra	8
Naturalidade do pai	PT	95
	Outra	22
Nacionalidade do pai	PT	103
	PT e outra	5
	Outra	9

Em termos das “outras” nacionalidades, verificamos existirem países de origem muito diversificados no grupo das mães tais como Angola, Moçambique, Brasil, Moldávia, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, América, Argentina, França, Irlanda e a Moldávia.

No caso dos pais relativamente às “outras” nacionalidades encontramos Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Brasil, Alemanha, Inglaterra, São Tomé e Príncipe e a Moldávia.

No grupo dos alunos não se verificou a existência de muitas nacionalidades diferentes, as “outras” nacionalidades encontradas reportam-se à Alemanha, Brasil, Guiné Bissau e à Moldávia.

3.6. Instrumento

Na recolha dos dados foi usado um instrumento dividido em três partes (Anexo I), sendo a primeira uma adaptação da Escala de Sensibilidade Intercultural¹⁰ de Chen e Starosta (2000). Trata-se de um questionário com uma escala de atitude, relacionada com a interação de pessoas de diferentes culturas, na qual os participantes devem marcar o seu grau de concordância ou discordância, com cada um dos 24 itens, recorrendo a uma escala de 5 pontos (1 = Totalmente em Desacordo; 2 = Em Desacordo; 3 = Não tenho a certeza; 4 = De Acordo; 5 = Totalmente de Acordo). A pontuação mínima que se pode obter na escala é de 24 pontos, a qual mostraria uma atitude desfavorável face à sensibilidade intercultural, uma pontuação média de 72 revelando uma atitude intermédia ou indiferente, e uma pontuação máxima de 120 pontos, indicando uma atitude muito favorável. Na versão utilizada, os itens 2, 4, 8, 10, 13, 15, 18, 20 e 22 são itens inversos, sendo que a sua pontuação teve em consideração este aspeto.

A segunda parte do instrumento agregou um conjunto de nove questões relacionadas com a temática dos refugiados, procurando aferir a opinião dos jovens relativamente a esta temática.

A terceira parte do instrumento utilizado neste trabalho de investigação estava orientada para a recolha de dados sociodemográficos e outras informações, tais como a experiência de viver noutro país, assim como outros detalhes associados à naturalidade, nacionalidade e nível de habilitações de ambos os pais.

A última pergunta da terceira parte questionava os jovens se estariam interessados em participar em ações de sensibilização ou formação, relacionados com a temática dos refugiados.

¹⁰ A escala de sensibilidade intercultural foi traduzida para português, no âmbito do estudo “Adaptação de um Questionário de Sensibilidade Intercultural para a Língua Portuguesa”, coordenado pela investigadora Ruiz-Bernardo (2013).

3.7. Estrutura fatorial e fiabilidade da Escala de Sensibilidade intercultural

No âmbito da aplicação da Escala de Sensibilidade Intercultural, procedeu-se à realização de uma Análise Factorial em Componentes Principais (ACP), com rotação *varimax*. Os resultados apontaram para uma adequabilidade média ($KMO= 0,741$) e a extração de sete componentes que explicam cerca de 63,63% da variância global.

Foi possível constatar que quatro itens (10, 14, 21 e 24) apresentam um peso (*loading*) pouco representativo ($<|0,5|$) para as componentes (Anexo III). Por isso, procedeu-se a exclusão dos mesmos da análise e a realizou-se uma nova ACP com rotação *varimax*. Os resultados desta nova ACP continuaram a apontar para uma adequabilidade média ($KMO= 0,702$) e a extração de sete componentes que explicam cerca de 67,11% da variância global.

A Tabela 2 ilustra quais dos 20 itens que mais contribuem para cada uma das sete componentes extraídas.

Estes resultados contrariam a solução proposta por Chen e Starosta (2000) com cinco componentes, mas vai de encontro a estrutura encontrada por Ruiz-Bernardo e colaboradores (2013) a qual identificou sete componentes que explicam 61,50% da variância.

Testou-se a fiabilidade e validade do questionário, verificando-se o *Alfa de Cronbach* de 0,79 garantindo a fiabilidade e consistência interna dos itens, valor o qual é próximo do encontrado na adaptação feita em Espanha por Ruiz-Bernardo (2012) que foi 0,85 ou o valor de 0,88 na escala original de Chen e Starosta (2000). Face a este resultado podemos considerar que os dados têm um bom nível de fiabilidade (Maroco 2007).

Apesar dos bons resultados obtidos na aplicação da escala de sensibilidade intercultural (em termos de fiabilidade e consistência), recomenda-se uma revisão da mesma, uma vez que os resultados da análise de componentes principais revelaram a existência de sete fatores, divergindo da escala original (cinco fatores). Sugere-se assim um trabalho de melhoria na redação de alguns itens da escala, com o objetivo de impactar a sua estruturação fatorial.

Tabela 2: Análise de Componentes Principais - Matriz de Componentes Rotados^a

Itens da escala	Componentes						
	Implicação e interações culturais	Confiança na interação	Dificuldades na interação	Interação e comunicação	Atenção na interação	Respeito pelas diferenças culturais	Abertura cultural
22 ^R . No geral, tento evitar as situações que exigem relacionar-me com pessoas de outras culturas.	0,748	0,190	0,138	0,192	-0,013	0,110	-0,143
18 ^R . Normalmente aceito melhor as opiniões das pessoas da minha própria cultura que as opiniões das pessoas de outras culturas.	0,712	0,025	0,181	-0,122	0,280	0,071	0,243
13 ^R . Normalmente não me sinto confortável com pessoas de outras culturas.	0,667	0,101	0,369	0,203	-0,115	0,072	-0,123
1. Gosto de me relacionar com pessoas de outras culturas.	0,654	0,201	-0,163	0,132	0,033	0,276	0,229
20 ^R . Acho que a minha cultura é melhor e mais aberta que as outras culturas.	0,634	-0,135	0,177	-0,088	0,349	-0,140	0,147
3. Quando me relaciono com pessoas de culturas diferentes sinto-me bastante confiante de mim próprio/a.	0,018	0,735	-0,112	-0,042	0,211	-0,019	-0,212
7. Sou tão sociável com pessoas da minha própria cultura como com pessoas de outras culturas.	0,368	0,704	0,068	-0,163	-0,062	0,013	0,089
15 ^R . Acho que não sei comunicar suficientemente bem quando me relaciono com pessoas de outras culturas, que falam uma outra língua.	-0,120	0,642	0,324	0,044	0,354	-0,065	-0,152
11. Acho que tenho habilidades/competências para me relacionar com pessoas de uma cultura diferente da minha.	0,155	0,629	0,048	0,324	0,008	0,146	0,213
6. Quando me relaciono com pessoas de outras culturas sei sempre o que dizer.	0,008	0,607	0,160	0,223	-0,165	0,043	0,175
2 ^R . Acho que as pessoas de outras culturas têm uma mentalidade muito fechada.	0,161	-0,166	0,739	-0,159	0,202	0,065	0,101
4 ^R . É-me difícil falar com pessoas de outras culturas, ainda que conheça a sua língua.	0,157	0,307	0,718	0,343	-0,105	-0,023	0,073
8 ^R . Relacionar-me com pessoas de outras culturas provoca-me tensão.	0,227	0,321	0,656	0,039	-0,241	-0,010	-0,078
23. Quando converso com uma pessoa de outra cultura, procuro mostrar-lhe que a compreendo dando pistas através de palavras ou gestos.	-0,038	0,143	0,145	0,738	0,171	0,127	0,043
19. Quando me relaciono com pessoas de outras culturas, apercebo-me facilmente das pequenas/subtis diferenças de significado que possam existir nas palavras ou nas ideias.	0,178	-0,006	-0,112	0,726	0,087	-0,261	-0,020
5. Estou muito atento/a e observador/a quando me relaciono com pessoas de outras culturas.	0,103	0,140	-0,211	0,103	0,727	0,165	0,174
17. Quando me relaciono com pessoas de outras culturas, tento estar o mais atento/a possível às suas explicações, para poder entendê-las corretamente.	0,212	0,014	0,148	0,406	0,632	0,049	0,047
9. Respeito os valores das pessoas de outras culturas.	0,053	0,015	-0,053	-0,064	-0,017	0,808	0,189
16. Respeito os comportamentos das pessoas de outras culturas.	0,177	0,036	0,110	-0,001	0,205	0,790	-0,210
12. Quando conheço alguém de outra cultura, tento não me deixar influenciar por ideias pré-concebidas, ou pelos preconceitos que possa ter acerca da sua cultura.	0,118	0,048	0,054	0,039	0,171	0,017	0,903

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 11 iterations.

R. Itens com pontuação inversa.

Capítulo 4. Apresentação dos Resultados

4.1. Percepção dos refugiados e grau de concordância relativamente ao seu acolhimento em Portugal

A segunda parte do questionário teve como intuito aferir a opinião dos participantes relativamente à temática dos refugiados. Nesta seção serão apresentados os resultados associados às questões relacionadas com o acolhimento dos refugiados em Portugal, confiança nos refugiados, concordância com a atribuição de direitos, aceitação de um refugiado na minha comunidade/bairro, percepção das diferenças relativamente aos valores e princípios morais, crenças e práticas religiosas e língua.

Quando questionados se “Portugal deve acolher refugiados”, podemos observar que 94% (110) da amostra expressa concordância com o “acolhimento dos refugiados em Portugal” na sua globalidade, sendo que 56,4% (66) referem “Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração” e 37,6% (44) indicaram a opção de resposta “Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem”.

Relativamente à opção “Não, Portugal não deve acolher refugiados” a mesma foi selecionada por 6% (7) dos alunos.

O Gráfico 6 apresenta as percentagens associadas às frequências, sendo que na tabela 3, apresentamos os dados desagregados por género.

Gráfico 6: Concordância com o acolhimento de refugiados em Portugal

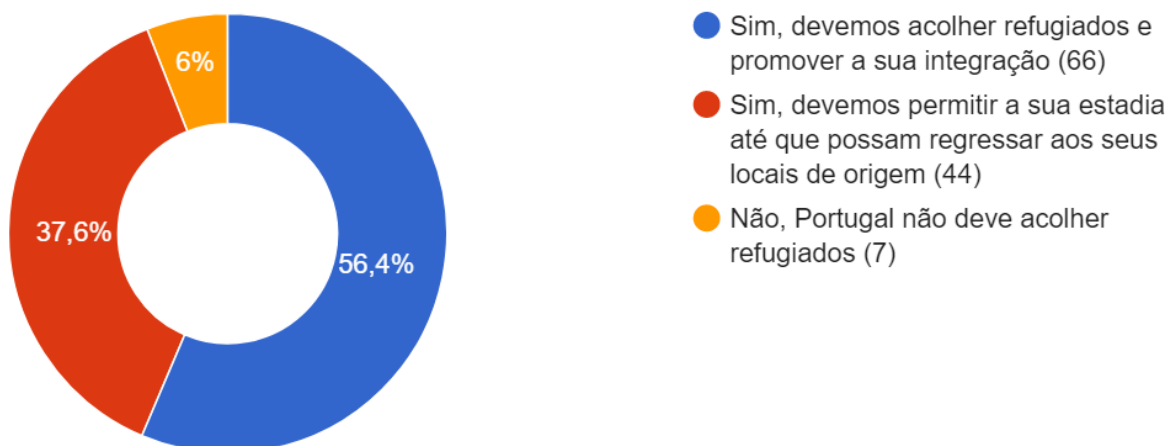
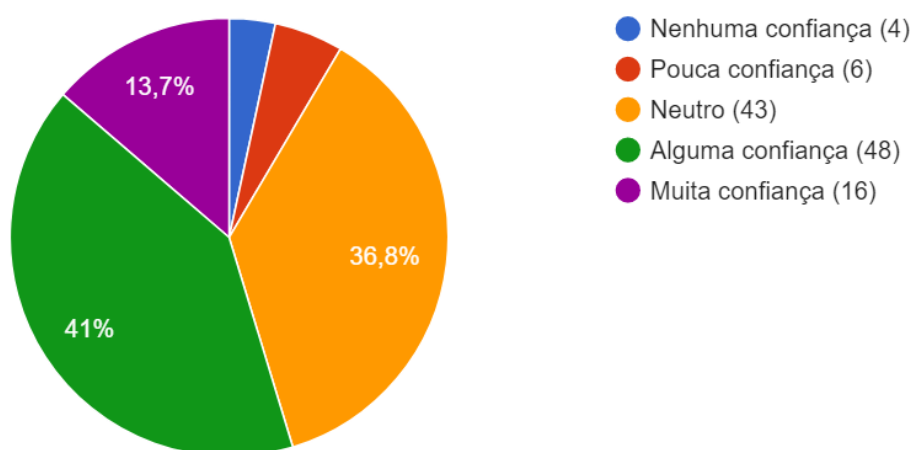


Tabela 3: Concordância com acolhimento de refugiados – por género

	Rapazes	Raparigas
“Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração”	25 (58,14%)	41 (55,41%)
“Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem”	13 (30,23%)	31 (41,89%)
“Não, Portugal não deve acolher refugiados”	5 (11,63)	2 (2,70%)
	43	74

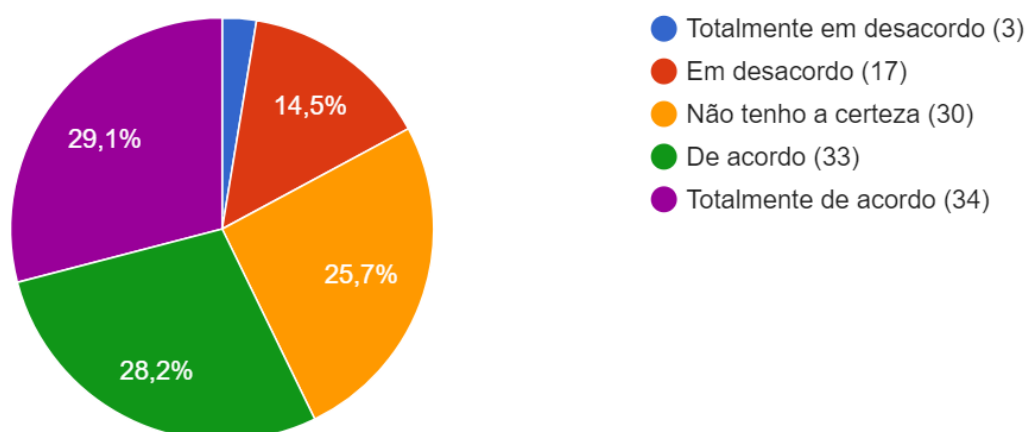
O Gráfico 7 apresenta as percentagens associadas às frequências, relativamente à afirmação “Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança”. A maioria dos participantes mostra ter “alguma confiança” e “muita confiança”, sendo que a opção “neutro” representa 36,8% das respostas.

Gráfico 7: Confiança nos refugiados



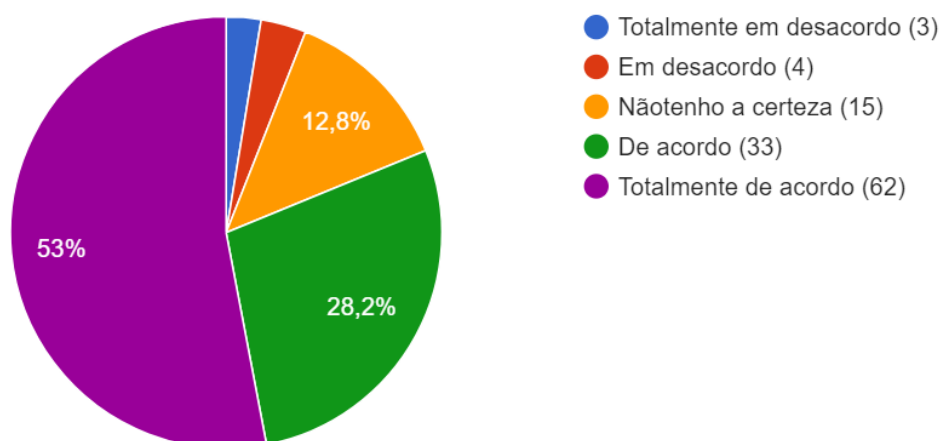
Relativamente à atribuição dos mesmos direitos, aos refugiados que os cidadãos portugueses, mais de metade dos participantes estão “de acordo” ou “totalmente de acordo” (Gráfico 8).

Gráfico 8: Atribuição de direitos aos refugiados



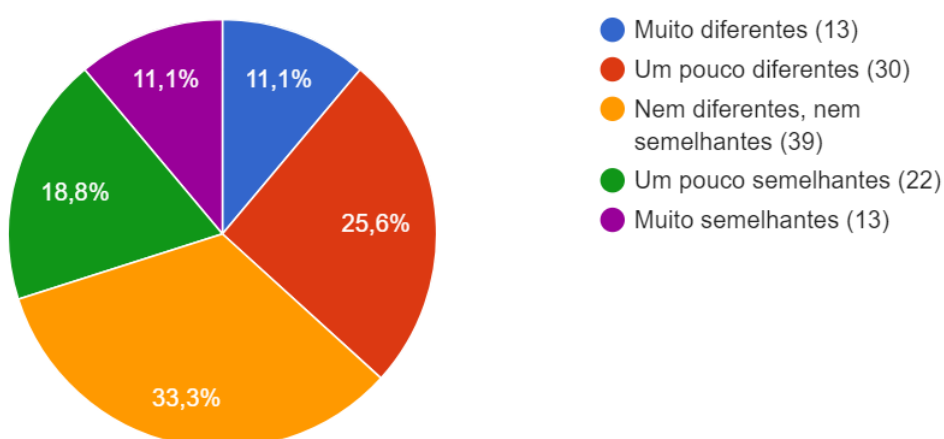
O Gráfico 9 exibe as percentagens relativamente às frequências, no âmbito da afirmação “Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro”, sendo que estão “totalmente de acordo” com esta afirmação 53% dos participantes. Ao agregarmos as categorias “totalmente de acordo” e de “acordo”, verificamos uma concordância de 81,20%.

Gráfico 9: Aceitação de um refugiado na minha comunidade/bairro



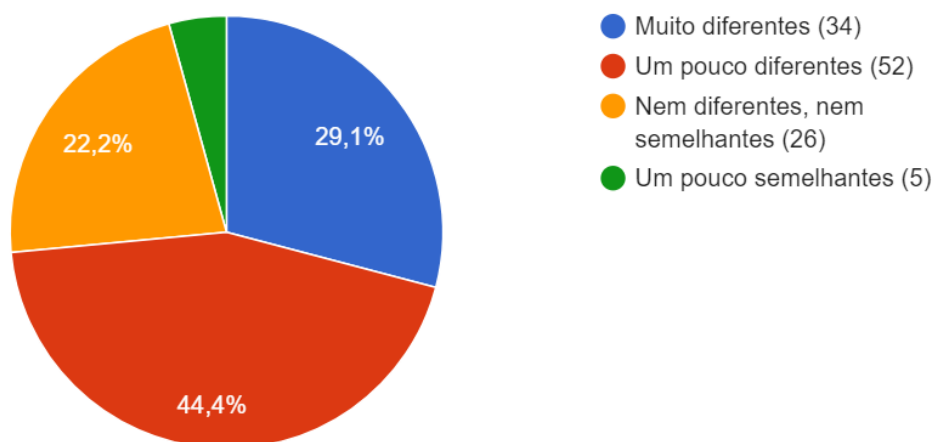
O Gráfico 10 apresenta as percentagens associadas às frequências, relativamente à percepção das diferenças quanto aos valores e princípios morais, quando comparados com os portugueses. A opção “nem diferentes, nem semelhantes” foi assinalada por 33,3% da amostra. As opções “muito diferentes” e “um pouco diferentes” somadas totalizam 36,7%.

Gráfico 10: Percepção das diferenças - Valores e princípios morais



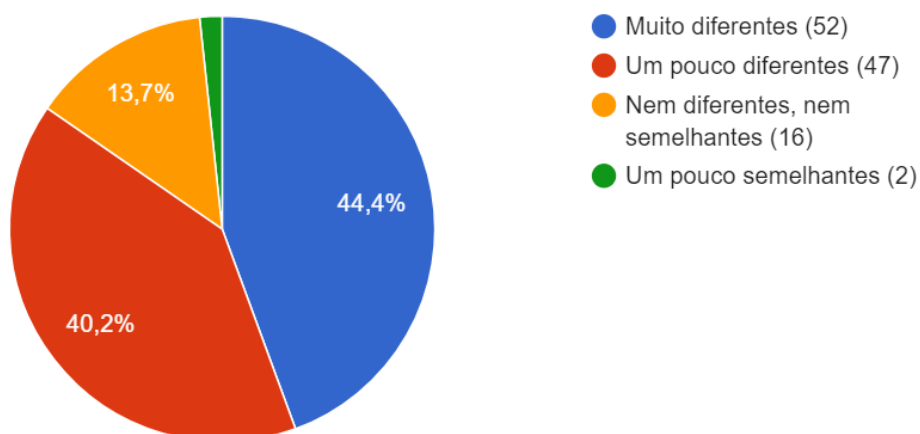
Relativamente à percepção das diferenças quanto às crenças e práticas religiosas, quando comparados com os portugueses, 44,4% dos participantes consideraram os refugiados “um pouco diferentes”. A percepção das diferenças aumenta para 73,5% ao agregarmos as categorias “muito diferentes” e “um pouco diferentes”.

Gráfico 11: Percepção das diferenças - Crenças e práticas religiosas



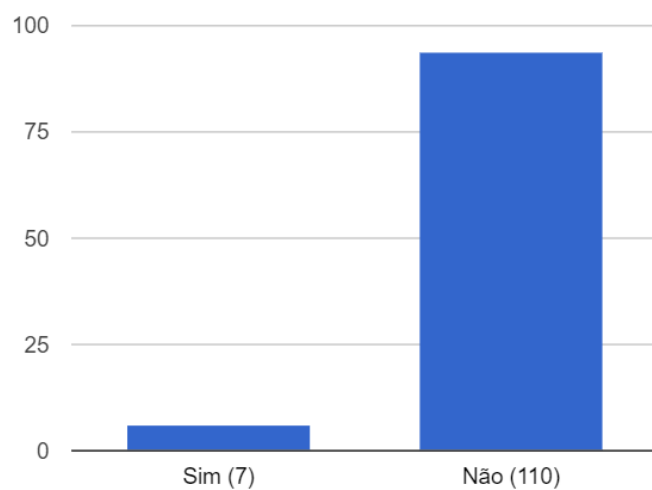
Relativamente à percepção das diferenças quanto à língua, quando comparados com os portugueses, 44,4% da amostra considera os refugiados “muito diferentes”. Ao adicionarmos as categorias “muito diferentes” e “um pouco diferentes” a percepção das diferenças aumenta para 84,6%. Apenas dois participantes, equivalente a 1,7% escolheram a opção “um pouco semelhantes”. O Gráfico 12 apresenta as percentagens associadas às frequências.

Gráfico 12: Percepção das diferenças - Língua



No Gráfico 13 apresentamos os resultados da resposta à questão se conhece ou tem algum contacto com refugiados, sendo que apenas 7 participantes, num total de 117, responderam afirmativamente.

Gráfico 13: Contacto com refugiados



4.2 Interesse em participar em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados

Quando questionados sobre o seu interesse em participar em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados, a maioria dos alunos respondeu positivamente.

Nas Tabelas 4 e 5 apresentamos os dados globais, assim como a sua repartição por sexo e área de estudo.

Tabela 4: Interesse em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados dados globais e repartição por sexo

Masculino	23	73	Sim
Feminino	50		
Masculino	20	44	Não
Feminino	24		

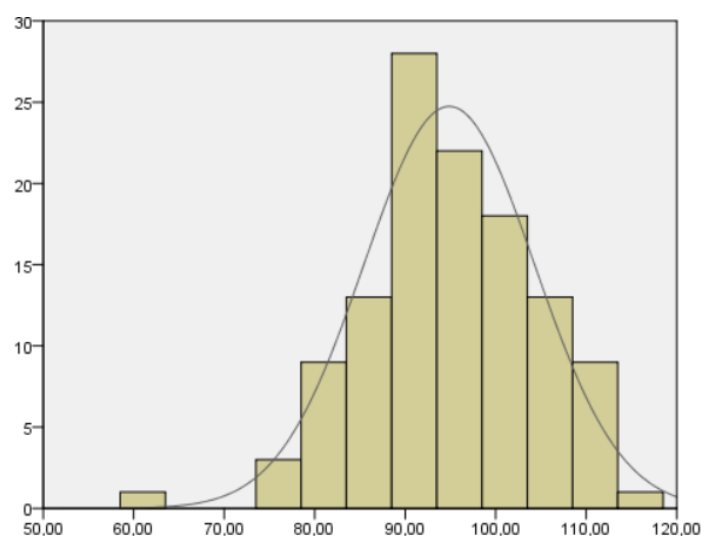
Tabela 5: Interesse em ações de sensibilização ou formação na temática dos refugiados dados por área de estudo

Artes visuais	Sim	11
	Não	4
Ciências e tecnologias	Sim	46
	Não	24
Informática de Gestão	Sim	6
	Não	6
Línguas e Humanidades	Sim	10
	Não	10

4.3. Níveis de sensibilidade intercultural na amostra e identificação da subescala com maior significância

No que diz respeito à sensibilidade intercultural na amostra podemos afirmar que a mesma possui um nível “médio alto” de sensibilidade intercultural ($M=94,86$). Observando os resultados globais, encontramos uma distribuição situada entre os 61 e os 117 pontos ($M= 94,86$, $DP= 9,43$).

Gráfico 14: Distribuição das frequências da sensibilidade intercultural na amostra



Com base nos resultados da ACP, relativamente à identificação da subescala com maior significância na sensibilidade intercultural, tal como observado na Tabela 6, a Dimensão 6 “Respeito pelas diferenças culturais” é a que detém maior relevância apresentando a média mais elevada ($M=4,40$, $DP=0,61$).

Tabela 6: Dimensões da Escala de Sensibilidade Intercultural

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
1 - Implicação e interações culturais	117	2,40	5,00	4,263	0,595
2 - Confiança na interação	117	1,80	4,60	3,376	0,689
3 - Dificuldades na interação	117	1,33	5,00	4,063	0,718
4 - Interação e comunicação	117	1,50	5,00	3,654	0,690
5 - Atenção na interação	117	2,00	5,00	4,039	0,676
6 - Respeito pelas diferenças culturais	117	2,50	5,00	4,397	0,614
7 - Abertura cultural	117	1,00	5,00	4,180	0,867
Global - Sensibilidade Intercultural	117	2,54	4,88	3,953	0,393

4.4. Apresentação dos resultados estatísticos

H₀₁ O nível de sensibilidade intercultural não varia significativamente de acordo com a área/agrupamento de estudo (artes visuais, ciências e tecnologias, informática e línguas e humanidades).

A variável “área/agrupamento de estudo” apresenta quatro grupos, ciências e tecnologias, línguas e humanidades, artes visuais e informática e gestão. Utilizou-se o teste *Anova* para analisar as médias dos grupos em questão.

Tabela 7: Área/agrupamento de estudo – Sensibilidade intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Artes visuais	15	4,053	0,402
Ciências e tecnologias	70	3,971	0,409
Informática e gestão	12	3,813	0,270
Línguas e humanidades	20	3,898	0,387
Total	117	3,953	0,393

Utilizou-se o teste *Anova* para analisar as médias dos grupos em questão. O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($F(3,113)=1,11$, $p=0,346$).

Nos resultados obtidos ($F(X, Y)=p=0,390$) para um nível de confiança de 95%, consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os quatro grupos.

H₀₂ A variável sociodemográfica sexo não influencia os níveis de sensibilidade intercultural.

As alunas apresentam um resultado ($M = 4,020$) numericamente superior aos alunos ($M = 3,837$).

Tabela 8: Variável sexo - Sensibilidade Intercultural

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão
Sensibilidade Intercultural	Masculino	43	3,837	0,355
	Feminino	74	4,020	0,400

Para testar a hipótese de existirem diferenças estatisticamente significativas entre os sexos relativamente aos níveis de sensibilidade intercultural, foi realizado o Teste t para amostras independentes. A homogeneidade das variâncias foi testada com sucesso por intermédio do teste *Levene* ($p = 0,411$).

O Teste t para amostras independentes está associado a um efeito estatisticamente significativo $t(115) = 2,48$, $p = 0,015$. Face ao exposto, as alunas estão associadas a médias superiores de sensibilidade intercultural ($M = 4,020$, $DP = 0,400$) em comparação aos alunos ($M = 3,837$, $DP = 0,355$), para um intervalo de confiança de 95%.

H₀₃ A variável sociodemográfica idade não influencia os níveis de sensibilidade intercultural.

Através da correlação de Pearson, foi possível verificar que não existe uma correlação entre a idade e os níveis de sensibilidade intercultural $r(0,123) = 0,15$, $p = 0,186$.

H₀₄ O grau de escolaridade da mãe não influencia os níveis de sensibilidade intercultural.

A variável “escolaridade da mãe” para efeitos de análise estatística foi agrupada em três grupos Ensino Básico: 1º ao 9.º ano, Ensino Secundário: 10º ao 12º e Ensino Superior.

Tabela 9: Escolaridade da mãe – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Ensino básico (1º ao 9º ano)	18	3,924	0,357
Ensino secundário (10º ao 12ºano)	29	3,935	0,374
Ensino superior	69	3,980	0,402
Total	116	3,960	0,386

Utilizou-se o teste *Anova* para analisar as médias dos grupos em questão. O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p= 0,716$).

Nos resultados obtidos através do teste paramétrico *Anova* ($F(X,Y)= X, p = 0,796$) para um nível de confiança de 95% consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativos entre os três grupos. Isto significa que o nível de sensibilidade intercultural dos participantes, não varia consoante o nível de escolaridade da mãe.

H₀₅ O grau de escolaridade do pai não influencia os níveis de sensibilidade intercultural.

A variável “escolaridade do pai” para efeitos de análise estatística foi agrupada em três grupos Ensino Básico: 1º ao 9.º ano, Ensino Secundário: 10º ao 12º e Ensino Superior.

Tabela 10: Escolaridade do pai – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Ensino secundário (10º ao 12º ano)	33	3,976	0,375
Ensino superior	61	3,978	0,410
Ensino básico (1º ao 9º ano)	19	3,895	0,356
Total	113	3,964	0,389

Utilizou-se o teste *Anova* para analisar as médias dos grupos em questão. O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p = 0,851$). Nos resultados obtidos através do teste paramétrico *Anova* ($F(X,Y) = X, p = 0,704$) para um nível de confiança de 95% consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos. Isto significa que o nível de sensibilidade intercultural dos participantes, não varia consoante o nível de escolaridade do pai.

H₀₆ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a forma como os jovens se consideram informados relativamente ao tema dos refugiados.

Para efeitos de análise, os dados foram agrupados em três grupos, “Nada/Pouco informado”, “Nem pouco nem bastante informado” e “Bastante/Muito informado”.

Tabela 11: Auto percepção do nível de informação – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Nada/Pouco informado	17	3,755	0,326
Nem pouco nem bastante informado	59	3,912	0,381
Bastante/Muito informado	41	4,093	0,395
Total	117	3,953	0,393

O teste de *Levene* ($p = 0,729$) permite-nos comprovar o critério de homogeneidade das variâncias.

Com recurso ao teste *Anova* ($F(X,Y) = X, p = 0,006$) para um nível de confiança de 95% consideramos que existem diferenças entre as três categorias em análise.

De forma a verificar quais os grupos que diferem entre si, procedeu-se à realização de um *post hoc test*. O teste *Tukey-HSD* demonstra que existem diferenças significativas entre os que se sentem “Nada/Pouco informado” ($M=3,755, DP= 0,326$) e os que se sentem “Bastante/Muito informado” ($M=4,093, DP= 0,395$).

H₀₇ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

O grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal foi agrupado em três grupos, “Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração”, “Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem” e “Não, Portugal não deve acolher refugiados”.

Tabela 12: Acolhimento – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	44	3,941	0,411
Não, Portugal não deve acolher refugiados	7	3,441	0,291
Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	66	4,015	0,352
Total	117	3,953	0,393

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p= 0,497$). Através do teste *Anova* ($F(X,Y)= Z$, $p=0,001$) verifica-se que existem diferenças entre as três categorias em análise.

De forma verificar quais os grupos que diferem entre si, procedeu-se à realização de um *post hoc test*. O teste *Tukey-HSD* demonstra que existem diferenças significativas entre os que responderam “Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração” ($M=4,015$; $SD=0,352$) e os que responderam “Não, Portugal não deve acolher refugiados” ($M=3,441$; $SD=0,291$).

Existem igualmente diferenças entre o grupo dos que responderam “Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem” ($M=3,941$; $SD=0,411$) e os que responderam “Não, Portugal não deve acolher refugiados” ($M=3,441$; $SD=0,291$).

H₀₈ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a confiança nos refugiados.

O nível de confiança foi agrupado em cinco categorias, “Nenhuma confiança”, “Pouca confiança”, “Neutro”, “Alguma confiança” e “Muita confiança”.

Tabela 13: Confiança nos refugiados – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Nenhuma confiança	4	3,615	0,258
Pouca confiança	6	3,507	0,573
Neutro	43	3,850	0,352
Alguma confiança	48	4,040	0,346
Muita confiança	16	4,219	0,332
Total	117	3,953	0,393

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p= 0,218$). Através do teste *Anova* ($F(X, Y)= Z, p= 0,000$) verifica-se que existem diferenças entre as categorias em análise.

De forma verificar quais os grupos que diferem entre si, procedeu-se à realização de um *post hoc test*. O teste *Tukey-HSD* demonstra que existem diferenças significativas entre os que responderam “Pouca confiança” ($M=3,507$; $SD=0,573$) e “Muita confiança” ($M=4,219$; $SD=0,332$), assim como no grupo “Neutro” ($M=3,850$; $SD=0,352$) e “Muita confiança” ($M=4,219$; $SD=0,332$).

H₀₉ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a concordância com a atribuição aos refugiados dos mesmos direitos que os cidadãos portugueses.

Para efeitos de análise, os dados foram agrupados em três grupos, “Totalmente em desacordo/Em desacordo”, “Não tenho a certeza” e “De acordo/Totalmente de acordo”.

Tabela 14: Atribuição de direitos – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Totalmente em desacordo/Em desacordo	20	3,721	0,462
Não tenho a certeza	30	3,892	0,377
De acordo/Totalmente de acordo	67	4,049	0,346
Total	117	3,953	0,393

O teste de *Levene* ($p=0,689$) permite-nos considerar que as variâncias nos grupos em análise são iguais. Através do teste *Anova* ($F(X, Y) = Z, p=0,002$) verifica-se que existem diferenças entre as categorias em análise.

De forma verificar quais os grupos que diferem entre si, procedeu-se à realização de um *post hoc test*. O teste *Tukey-HSD* demonstra que existem diferenças significativas entre os que responderam “Totalmente em desacordo/Em desacordo” ($M=3,721$; $SD=0,462$) e os que responderam “De acordo/Totalmente de acordo” ($M=4,049$; $SD=0,346$).

H₁₀ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a aceitação de um refugiado na minha “comunidade/bairro”.

A “aceitação de um refugiado na minha comunidade” apresenta cinco grupos, “Totalmente de acordo”, “Em desacordo”, “Não tenho a certeza”, “De acordo” e “Totalmente de acordo”.

Tabela 15: Refugiado na minha “comunidade/bairro – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Totalmente em desacordo	3	3,597	0,313
Em desacordo	4	3,354	0,579
Não tenho a certeza	15	3,706	0,388
De acordo	33	3,909	0,357
Totalmente de acordo	62	4,091	0,327
Total	117	3,953	0,393

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p = 0,739$). Através do teste *Anova* ($F(X,Y) = X, p = 0,000$) para um nível de confiança de 95% consideramos que existem diferenças significativas entre as categorias em análise. De forma verificar quais os grupos que diferem entre si, procedeu-se à realização de um *post hoc test*.

O teste *Tukey-HSD* demonstra que existem diferenças significativas entre os que responderam “Em desacordo” ($M=3,354$; $SD=0,579$) e “Totalmente de acordo” ($M=4,091$; $SD=0,327$).

Identificam-se igualmente diferenças significativas entre os que responderam “Não tenho a certeza” ($M=3,706$; $SD=0,388$) e os que responderam “Totalmente de acordo” ($M=4,091$; $SD=0,327$), assim como nos que responderam “Em desacordo” ($M=3,354$; $SD=0,579$) e de “Acordo” ($M=3,909$; $SD=0,357$).

H₁₁ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a percepção dos refugiados relativamente aos valores e princípios morais quando comparados com os portugueses.

A percepção dos refugiados relativamente aos valores e princípios morais quando comparados com os portugueses foi agrupada em três grupos “Muito diferentes/Um pouco diferentes, “Nem diferentes, nem semelhantes” e “Um pouco semelhantes/muito semelhantes”.

Tabela 16: Valores e princípios morais – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Muito diferentes/Um pouco diferentes	43	3,962	0,429
Nem diferentes, nem semelhantes	39	3,892	0,360
Um pouco semelhantes/muito semelhantes	35	4,008	0,384
Total	117	3,953	0,393

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p = 0,707$).

Através do teste *Anova* ($F(X,Y) = X, p = 0,441$) para um nível de confiança de 95% consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos.

H₁₂ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a percepção dos refugiados relativamente às crenças e práticas religiosas quando comparados com os portugueses.

A “percepção dos refugiados relativamente às crenças e práticas religiosas quando comparados com os portugueses” foi agrupada em quatro grupos, “Muito diferentes”, “Um pouco diferentes”, “Nem diferentes nem semelhantes” e “Um pouco semelhantes”.

Tabela 17: Crenças e práticas religiosas – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Muito diferentes	34	3,955	0,441
Um pouco diferentes	52	3,911	0,342
Nem diferentes, nem semelhantes	26	4,072	0,407
Um pouco semelhantes	5	3,750	0,425
Total	117	3,953	0,393

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p = 0,425$).

Através do teste *Anova* ($F(X,Y) = X, p = 0,230$) para um nível de confiança de 95% consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em análise.

H₁₃ Os níveis de sensibilidade intercultural não influenciam a percepção dos refugiados relativamente à língua quando comparados com os portugueses.

A “percepção dos refugiados relativamente à língua quando comparados com os portugueses” foi agrupada em quatro grupos, “Muito diferentes”, “Um pouco diferentes”, “Nem diferentes nem semelhantes” e “Um pouco semelhantes”.

Tabela 18: Língua – Sensibilidade Intercultural

	N	Média	Desvio Padrão
Muito diferentes	52	3,983	0,404
Um pouco diferentes	47	3,958	0,313
Nem diferentes, nem semelhantes	16	3,800	0,529
Um pouco semelhantes	2	4,250	0,530
Total	117	3,953	0,393

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p = 0,202$). Através do teste *Anova* ($F(X,Y) = X, p = 0,275$) para um nível de confiança de 95% consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os quatro grupos.

H₁₄ Não existe associação estatisticamente significativa entre o “Sexo” e o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

De forma a obter informações sobre a relação bivariada entre as duas variáveis em causa, procedeu-se à realização do teste Qui-Quadrado, para um nível de significância de 0,05.

Observando os resultados de Qui Quadrado ($\chi^2(2) = 4,640, p = 0,098$) podemos considerar que não existe uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a variável “sexo”.

H₁₅ Não existe associação estatisticamente significativa entre a “Idade” e o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

A perceção dos refugiados relativamente aos valores e princípios morais quando comparados com os portugueses foi agrupada em três categorias “Sim devemos acolher refugiados e promover a sua integração”, “Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem” e “Não, Portugal não deve acolher refugiados”.

Tabela 19: Idade – Acolhimento dos refugiados

	N	Média	Desvio Padrão
Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	66	17,44	0,726
Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	44	17,64	0,810
Não, Portugal não deve acolher refugiados	7	17,29	0,488
Total	117	17,50	0,750

O critério de homogeneidade das variâncias foi confirmado através do teste de *Levene* ($p = 0,292$). Através do teste Anova ($F(X,Y) = X$, $p = 0,296$) para um nível de confiança de 95% consideramos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as categorias em análise.

H₀₁₆ O grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal não tem uma associação estatisticamente significativa com o conhecimento ou o contacto direto com um refugiado.

De forma a obter informações sobre a relação bivariada entre as duas variáveis em causa, procedeu-se à realização do teste Qui-Quadrado, para um nível de significância de 0,05. Observando os resultados de Qui Quadrado ($X^2(2) = 2,636$, $p = 268$) podemos considerar que não existe uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e o contacto direto com um refugiado.

H₀₁₇ O grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal não tem uma associação estatisticamente significativa com a experiência do aluno em viver fora de Portugal.

De forma a obter informações sobre a relação bivariada entre as duas variáveis em causa, procedeu-se à realização do teste Qui-Quadrado, para um nível de significância de 0,05. Observando os resultados de Qui Quadrado ($\chi^2(2)=0,326$, $p = 0,850$) podemos considerar que não existe uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a experiência do aluno em viver fora de Portugal.

H₀₁₈ Não existe associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a naturalidade da mãe.

De forma a obter informações sobre a relação bivariada entre as duas variáveis em causa, procedeu-se à realização do teste Qui-Quadrado, para um nível de significância de 0,05. Observando os resultados de Qui Quadrado ($\chi^2(2)=7,659$, $p = 0,022$) podemos considerar que existe uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a naturalidade da mãe.

H₀₁₉ Não existe associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a naturalidade do pai.

De forma a obter informações sobre a relação bivariada entre as duas variáveis em causa, procedeu-se à realização do teste Qui-Quadrado, para um nível de significância de 0,05. Observando os resultados de Qui Quadrado ($\chi^2(2)= 1,529$, $p = 0,466$) podemos considerar que não existe uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a naturalidade do pai.

4.5. Correlação entre variáveis

O coeficiente de correlação permite avaliar a magnitude e a direção da associação ou correlação existente entre duas variáveis, no entanto, nenhuma das variáveis é tida como dependente da outra (Maroco 2007). Este coeficiente apenas assume valores entre -1 e 1.

Quando $p = 1$ existe uma correlação perfeita entre as duas variáveis. Se $p = -1$ ocorre uma correlação negativa perfeita entre as duas variáveis, ou seja, se uma aumenta a outra sempre diminui. Nos casos onde $p = 0$ significa que as duas variáveis não dependem linearmente uma da outra, embora nalguns casos possa existir uma associação do tipo curvilíneo (não linear).

Tabela 20: Correlações entre variáveis

		Sensibilidade Intercultural	Idade	Em que medida consideras que estás informado/a sobre o tema dos refugiados?	Portugal deve acolher refugiados?	Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança	Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses	Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro.	Relativamente aos valores e princípios morais, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Relativamente às crenças e práticas religiosas, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Relativamente à língua, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Conheces ou tens algum contacto com refugiados?
Sensibilidade Intercultural	Pearson Correlation	1										
	Sig. (2-tailed)											
	N	117										
Idade	Pearson Correlation	.123	1									
	Sig. (2-tailed)	.186										
	N	117	117									
Em que medida consideras que estás informado/a sobre o tema dos refugiados?	Pearson Correlation	.307**	-.079	1								
	Sig. (2-tailed)	.001	.397									
	N	117	117	117								
Portugal deve acolher refugiados?	Pearson Correlation	-.276*	.052	-.017	1							
	Sig. (2-tailed)	.003	.579	.857								
	N	117	117	117	117							
Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança	Pearson Correlation	.434**	.097	.118	-.490*	1						
	Sig. (2-tailed)	.000	.298	.204	.000							
	N	117	117	117	117	117						
Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses.	Pearson Correlation	.347**	.017	.162	-.449*	.564**	1					
	Sig. (2-tailed)	.000	.855	.081	.000	.000						
	N	117	117	117	117	117	117					
Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro.	Pearson Correlation	.453**	.010	.157	-.586*	.605**	.601**	1				
	Sig. (2-tailed)	.000	.913	.091	.000	.000	.000					
	N	117	117	117	117	117	117	117				
Relativamente aos valores e princípios morais, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Pearson Correlation	.032	.060	.158	-.342*	.281**	.327**	.280**	1			
	Sig. (2-tailed)	.730	.521	.089	.000	.002	.000	.002				
	N	117	117	117	117	117	117	117	117			
Relativamente às crenças e práticas religiosas, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Pearson Correlation	.027	.138	.064	-.119	.203*	.164	.079	.539**	1		
	Sig. (2-tailed)	.775	.137	.496	.202	.028	.078	.397	.000			
	N	117	117	117	117	117	117	117	117	117		
Relativamente à língua, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Pearson Correlation	-.082	.078	.108	.072	.025	.003	-.136	.213*	.512**	1	
	Sig. (2-tailed)	.379	.406	.246	.443	.786	.971	.145	.021	.000		
	N	117	117	117	117	117	117	117	117	117	117	
Conheces ou tens algum contacto com refugiados?	Pearson Correlation	-.038	.074	-.119	-.150	-.042	.086	-.044	.079	.136	.099	1
	Sig. (2-tailed)	.682	.429	.202	.107	.656	.356	.635	.398	.144	.288	
	N	117	117	117	117	117	117	117	117	117	117	117

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Correlações com sinal positivo

Correlações com sinal negativo

Na Tabela 20 podemos observar que algumas correlações se mostraram significativas (identificadas por asteriscos) dentro dos níveis de significância 0,05 ou 0,01. As correlações com traço contínuo apresentam sinal positivo, sendo que as correlações a tracejado apresentam um sinal negativo. Nas correlações com um sinal positivo, significa que os valores crescentes de uma variável se associam a valores crescentes de uma outra variável. Nos casos onde existe um sinal negativo significa que valores crescentes de uma variável estão associados a valores decrescentes de uma outra variável.

Da análise das correlações destacamos algumas das combinações que se mostraram válidas, ou seja, que se situaram dentro dos níveis de significância 0,05 ou 0,01.

- “Portugal deve acolher refugiados” *versus* “Sensibilidade Intercultural” – esta correlação possui um sinal negativo (-0,276) e um nível de significância de 0,003 pelo que as variáveis estão correlacionadas e discordam entre si, para um nível de confiança de 97%.

- “Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses” *versus* “Sensibilidade Intercultural” – esta correlação possui sinal positivo (0,347) e apresenta um nível de significância de 0,001 existindo correlação e concordância entre as duas variáveis, para um nível de confiança de 99%.

- “Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança” *versus* “Portugal deve acolher refugiados?” - esta correlação possui sinal negativo (-0,490), apresenta um nível de significância de 0,001 pelo que as variáveis estão correlacionadas e discordam entre si, para um nível de confiança de 99%.

- “Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro” *versus* “Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses” – esta correlação

apresenta um sinal positivo (0,601) com um nível de significância de 0,001 existindo correlação e concordância entre as duas variáveis, para um nível de confiança de 99%.

- “Relativamente às crenças e práticas religiosas, como são os refugiados comparados com os portugueses” *versus* “Relativamente aos valores e princípios morais, como são os refugiados comparados com os portugueses” - esta correlação apresenta um sinal positivo (0,539) com um nível de significância de 0,001 existindo correlação e concordância entre as duas variáveis, para um nível de confiança de 99%.

4.6. Discussão dos resultados

A comunicação intercultural é vista por Chen e Starosta (1996: 358-359) não apenas como a capacidade de comunicar eficazmente, mas também como uma expressão de respeito associada à valorização de identidades diversas e vários níveis culturais das pessoas com quem se interage. Para os autores a sensibilidade intercultural tornou-se num forte, requisito para alcançar uma vida harmoniosa e significativa no mundo pluralista de hoje.

Atendendo aos atuais e futuros desafios colocados pela integração de migrantes e refugiados, mostra-se importante aferir e refletir sobre as características e opiniões dos jovens, uma vez que terão um papel importante nas dinâmicas de acolhimento e integração, dentro e fora do meio escolar.

Os resultados obtidos apenas se poderão aplicar à amostra abrangida, sendo que este estudo pretendeu, entre outros objetivos, aferir os níveis de sensibilidade intercultural e o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

Os jovens que compõem a presente amostra, apresentam um nível médio alto de sensibilidade intercultural ($M=94,863$), atendendo que na escala a pontuação mínima que se pode obter é de 24 pontos e a máxima é de 120 pontos. Uma pontuação média estaria situada na casa dos 72 pontos.

O índice médio alto alcançado revela uma atitude muito favorável face à sensibilidade intercultural por parte da amostra em estudo, revelando a existência de elementos facilitadores das relações e interações existentes dentro do contexto em análise, neste caso o escolar.

Outros estudos envolvendo jovens, com recurso à escala de sensibilidade intercultural encontraram igualmente níveis superiores de sensibilidade intercultural. Aguado e colegas (2012), no estudo realizado junto da população jovem andaluza (dos 18 aos 29 anos), encontraram um nível médio/alto de sensibilidade intercultural ($M=91,16$).

Dong e colegas (2008) numa investigação envolvendo 419 jovens adultos de duas universidades localizadas no oeste dos Estados Unidos da América, verificaram que níveis elevados de sensibilidade intercultural são preditores significativos da redução do etnocentrismo, podendo contribuir para a resolução de potenciais conflitos entre grupos.

Num estudo realizado em Portugal (Ruiz-Bernardo e Pereira 2013), numa amostra fortuita ou acidental composta por 112 pessoas, os resultados indicaram um índice de sensibilidade intercultural igualmente médio/alto ($M=96,47$). Esta investigação envolveu alunos, docentes e funcionários do Instituto Piaget (Campus Universitário de Almada-Portugal), sendo a média de idade dos participantes de 33,35 anos.

Atendendo à integração de alunos refugiados no contexto escolar, níveis elevados de sensibilidade intercultural indicam a existência de competências de comunicação intercultural, as quais contribuirão para um melhor acolhimento e integração, conduzindo à edificação de um espaço respeitador das diferenças e favorável às diversidades.

Ao analisarmos a perspetiva de género, podemos observar que as alunas apresentam uma média estatisticamente superior à masculina. Esta situação verifica-se igualmente no estudo realizado por Vilà Baños (2006) abrangendo estudantes do ensino secundário, no distrito de *Baix Llobregat* em Espanha, no qual as raparigas exibem um índice de sensibilidade intercultural significativamente superior aos rapazes, com uma margem de erro de 1%. No mesmo estudo, verificou-se que o curso não tinha influência sobre os níveis de sensibilidade intercultural, sendo este resultado coincidente com o encontrado no presente trabalho académico.

No âmbito do acolhimento de refugiados em Portugal, os resultados remetem para uma atitude favorável por parte dos alunos. Quando questionados se “Portugal deve acolher refugiados”, podemos observar que 94% da amostra expressa concordância com o “acolhimento dos refugiados em Portugal” na sua globalidade. Sendo que 56,4% referem “Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração” e 37,6% “Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem”. A opção mais restritiva, “Não, Portugal não deve acolher refugiados” foi selecionada apenas por 6% dos participantes.

Um total de 54,7% dos participantes no presente estudo indicaram que os refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal merecem “Alguma confiança” (41%) e “Muita Confiança” (13,7%), sendo que 57,3% admitem que devem ser atribuídos aos refugiados os mesmos direitos que os cidadãos portugueses e 81,2% estão de acordo com a afirmação que “um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro”.

Relativamente à perceção das diferenças no quadro dos valores e princípios morais, quando comparados com os portugueses, 33,3% consideram os refugiados como não sendo “Nem diferentes, nem semelhantes”, 18,8% “Um pouco semelhantes” e 11,1% “Muito semelhantes”.

Encontramos uma maior perceção das diferenças relativamente à maneira como a amostra percebe os refugiados relativamente à língua. Nesta vertente 84,6% consideram os refugiados “Muito diferentes” e “Um pouco diferentes” quando comparados com os portugueses. A opção “Nem diferentes, nem semelhantes” foi assinalada por 17,7% e apenas 1,7% escolheu “Um pouco semelhantes”.

No quadro das crenças e práticas religiosas 73,5% dos jovens percebem os refugiados como “Muito diferentes” e um “Pouco diferentes” e 22,2% como “Nem

diferentes, nem semelhantes”. A opção “Um pouco semelhantes” foi assinalada por 4,3% dos participantes.

Estes resultados revelam existir uma atitude positiva em relação ao acolhimento de pessoas refugiadas em Portugal., revelando que os mesmos não são percecionados como “indesejados”. Quando comparados com os portugueses, os dados relativos à perceção das diferenças apresentam diferentes gradientes. A perceção das diferenças poderá ser entendida como um aspeto positivo, ou seja, os jovens que integram a amostra reconhecem a existência de fatores distintivos no grupo de refugiados. A perceção das diferenças constitui um aspeto importante, não apenas quando comparados com os portugueses, mas dentro do próprio grupo, permitindo aos sujeitos conservar a sua individualidade.

Esta atitude positiva em relação ao acolhimento de refugiados, está em linha com os dados do *Inquérito Social Europeu 7*, o qual indica que Portugal é o país que revela maior abertura ao acolhimento de refugiados.

Através do estudo inferencial foi possível verificar que o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal, é influenciado pelos níveis de sensibilidade intercultural, existindo diferenças estatisticamente significativas entre os que responderam “Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração” e os que responderam “Não, Portugal não deve acolher refugiados” (sig. = 0,001). Verificamos igualmente diferenças entre o grupo dos que responderam “Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem” e os que responderam “Não, Portugal não deve acolher refugiados” (sig. = 0,004).

Os níveis de sensibilidade intercultural influenciam igualmente a forma como os jovens se consideram informados relativamente ao tema dos refugiados (para um nível de confiança de 95%), existindo diferenças significativas entre os que se sentem “Nada/Pouco informado” e os que se sentem “Bastante/Muito informado”.

Indivíduos com maior sensibilidade intercultural apresentam maior predisposição ao acolhimento de refugiados em Portugal, sendo que a confiança nos refugiados, a concordância com a atribuição aos refugiados dos mesmos direitos que os cidadãos portugueses e a aceitação de um refugiado na minha “comunidade/bairro” são aspetos igualmente influenciados pelos níveis de sensibilidade intercultural.

Verificou-se existir uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e a naturalidade da mãe ($p < 0,05$). Este resultado, aponta para a relevância da existência de histórias de mobilidade, relevando que o lugar de nascimento da mãe influencia a predisposição para a existência de uma maior abertura, no que diz respeito à concordância com o acolhimento de pessoas refugiadas. Entre as muitas vantagens possuídas pelos jovens que vivem entre diferentes culturas, Massot (2003, cit in Vilá, Baños 2006) destaca algumas competências como a compreensão, a tolerância e a abertura.

A subescala com maior significância na escala de sensibilidade intercultural, é a dimensão 6 “Respeito pelas diferenças culturais” apresentando uma média de 4,40. Uma média elevada ao nível deste fator, indica da existência de respeito pelos valores das pessoas de outras culturas.

Questionados se conhecem ou têm algum contacto com refugiados, um número reduzido de alunos ($N=7$) referiu conhecer ou ter algum contacto, não existindo uma associação estatisticamente significativa entre o grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal e o conhecimento ou o contacto com um refugiado ($\text{sig.}=0,268$).

Quando questionados sobre em que medida consideram que estão informados/as sobre o tema dos refugiados, numa amostra de 117 indivíduos, mais de metade (65%) situou-se entre “Nada informado” e “Nem pouco, nem bastante informado”. Responderam “Bastante informado” 32,5% e “Muito informado” 2,6%.

Os dados acima apresentados revelam que a maioria dos jovens abrangidos não conhece, nem possui algum contacto com pessoas refugiadas, sendo que a maioria não se sente “Nem pouco, nem bastante informado” relativamente a esta temática. Estas situações podem de alguma forma justificar o facto de 62,39% da amostra ter demonstrado interesse em participar em ações de sensibilização e formação dentro desta temática, no seio do espaço escolar.

Podemos concluir a discussão destacando os níveis elevados de sensibilidade intercultural encontrados na amostra, assim como, a sua abertura para o acolhimento de refugiados, denotando-se uma atitude favorável no que diz respeito a “conhecer, compreender, apreciar e aceitar as diferenças entre culturas” (Chen e Starosta 1996).

Conclusão

O acolhimento de pessoas refugiadas em Portugal, embora não se trate de um fenómeno recente, ganhou relevância no conjunto das temáticas importantes para os portugueses devido à denominada “crise de refugiados”, e devido ao compromisso assumido pelo Governo de acolher pessoas refugiadas recolocadas a partir da Grécia e da Itália. Neste quadro, mostra-se pertinente aferir a forma como os jovens percecionam as pessoas refugiadas, assim como, a sua concordância com o seu acolhimento em Portugal.

A sensibilidade intercultural, o diálogo e a aprendizagem intercultural contribuem em grande medida para a desmistificação de imagens estereotipadas do “outro”, colaborando para o estabelecimento de um clima de confiança mútua, reduzindo as tensões e ansiedades, favorecendo a tolerância e não discriminação (CE 2008).

O diálogo intercultural “(...) é uma troca de ideias aberta, respeitadora e baseada na compreensão mútua entre indivíduos e grupos com origens e património étnico, cultural, religioso e linguístico diferentes” (CE 2008).

O termo aprendizagem intercultural, num sentido mais literal, faz referência ao processo individual de aquisição de conhecimentos, de atitudes ou de comportamentos, associados à interação com diferentes culturas. Num contexto mais amplo, este conceito é utilizado para traduzir o modo como pessoas diferentes são suscetíveis de viver em conjunto, assim como o processo necessário para construir uma tal sociedade (CE 2001).

A promoção do diálogo intercultural em intervenções sociais, especialmente junto dos jovens tem contribuído para fomentar relações de confiança, potenciando o reconhecimento mútuo, promovendo uma efetiva comunicação e diálogo (Bitti, 2009).

Uma vez que um número reduzido de alunos refere conhecer ou ter algum contacto com pessoas refugiadas, mostra-se pertinente a implementação de estratégias promotoras de contacto (Allport 1954, Pettigrew 1998, cit. in Aguado 2012), com o intuito de reduzir o preconceito com grupos minoritários. Esta abordagem procura descrever as condições necessárias para que o contacto possa produzir os resultados esperados, ao nível de atitudes favoráveis e atração interpessoal. A interação entre membro de grupos distintos deverá ocorrer nas seguintes condições:

- 1) a situação de contacto deverá estimular uma relação de interdependência ou cooperação para alcançar um objetivo comum;
- 2) as normas sociais da situação de contacto devem favorecer o conceito de igualdade;
- 3) a situação de contacto deve ter potencial de conhecimento, procurando promover uma relação que revele detalhes suficientes sobre os membros do outro grupo, permitindo que os mesmos sejam observados como indivíduos e não apenas como pessoas com características estereotipadas; e
- 4) o estatuto dos participantes dos diferentes grupos deve ser igual nas situações promotoras de contacto (Goikoetxea e Pascual, 2002 cit. in Aguado 2012).

Esta dissertação de mestrado possui algumas limitações associadas ao facto de se tratar de um trabalho académico, com limitação no número de páginas, no tempo e recursos disponíveis para a sua execução, pelo que, algumas das questões apontadas poderão ser alvo de investigações futuras.

Estudos futuros poderão abranger amostras oriundas de diferentes contextos, com recurso a metodologias similares, permitindo a comparação de resultados, por exemplo entre diferentes escolas e/ou agrupamentos. No contexto escolar, a medição do índice de sensibilidade intercultural de forma periódica poderá funcionar como um barómetro, ajudando a (re)programar da melhor forma atividades promotoras da sensibilidade intercultural e consequentemente da integração.

No entanto, a aplicação da escala de sensibilidade intercultural poderá alargar-se a outros agentes educativos, como é o caso dos professores, incluindo por exemplo variáveis como o número de idiomas, condição de origem (autóctone ou estrangeiro), experiência de viver no estrangeiro, entre muitas outras vertentes.

Esperamos que este trabalho académico possa contribuir para o fomento de estudos futuros, focados na integração de refugiados, contribuindo para um maior conhecimento dos fenómenos em análise e consequentemente de melhores níveis de integração.

Bibliografia

Aguado, O. V. *et al.* (2012) *La sensibilidad intercultural de la población joven andaluza*. Jóvenes y Trabajo Social, 37, 37-51.

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2011) *The 1951 Convention Relating to the Status of Refugees and its 1967 Protocol*. Consultado em: 14/04/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/about-us/background/4ec262df9/1951-convention-relating-status-refugees-its-1967-protocol.html>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *'Refugees' and 'Migrants' – Frequently Asked Questions (FAQs)*. Acedido a 26/02/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/en-us/news/latest/2016/3/56e95c676/refugees-migrants-frequently-asked-questions-faqs.html>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *A 10-Point Plan of Action*. Acedido a 26/02/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/mixed-migration.html>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Contributo do ACNUR no Fórum Global sobre Migração e Desenvolvimento*. (Bruxelas, 11/09 Julho 2007). Acedido a 26/02/2017. Disponível em: www.unhcr.org/468504762.pdf

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Global trends – Forced displacement in 2015* (2016) Division of Programme Support and Management. Genebra. Consultado a 20/02/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/576408cd7.pdf>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Protection - Resettlement*. Consultado a 20/02/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/protection/resettlement/>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Refugee Status Determination*. Consultado a 19/02/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/refugee-status-determination.html>

Baños, R. (2006) *La Dimensión Afectiva de la Competencia Comunicativa Intercultural en la Educación Secundaria Obligatoria: Escala de Sensibilidad Intercultural*. Revista de Investigación Educativa. Vol. 24, n.º 2, págs. 353-372

Baños, R. (2008) *La competencia Comunicativa Intercultural. Un estudio en el primer ciclo de la Educación Secundaria Obligatoria*. Catálogo de Publicaciones del Ministerio de Educación, Política Social y Deporte.

Bitti, M. (2009) *Aprender na Diversidade*. Programa Escolhas. Lisboa

Cabecinhas, R. (1998) *Nós somos diferentes, mas eles são todos iguais: Um estudo sobre estereótipos e percepção da variabilidade grupal entre jovens angolanos e portugueses*. Actas do V Colóquio de Sociologia das Organizações Portugal: Assimetrias no (sub) Desenvolvimento, Universidade do Minho

Can, B. et al. (2015) *Journal of Media Critiques*. Communication Institute of Greece.

Chen, G. e Starosta, W. J. (1996). *Intercultural Communication Competence: A synthesis*. Communication Yearbook, núm. 19, pp. 353-384.

Chen, G. e Starosta, W. J. (1997) *A review of the concept of intercultural sensitivity*. Human Communication, 1,1-16

Chen, G. e Starosta, W. J. (2000) *The Development and validation of the Intercultural Sensitivity Scale*. Reunião Anual da Associação Nacional de Comunicação. Seattle, Washington

Comissão Europeia (2015). *Eurobarometer 84.1 Results for the EU. Fieldwork: MIGRATION ISSUES*. 19-29/09/2015.

Comissão Europeia. (2015) *A European Agenda on Migration*. Consultado em: 14/09/2016. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/background-information/docs/communication_on_the_european_agenda_on_migration_en.pdf

Conselho da Europa (2001) *Mochila Pedagógica sobre Aprendizagem Intercultural*. Edições do Conselho da Europa.

Conselho da Europa. 2008. *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural – “Viver juntos em igual dignidade”*. Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa. Strasbourg

Conselho Português para Os Refugiados. *Relatório de Atividades 2015*. Disponível em: <http://refugiados.net/1cpr/www/RelatorioCPR2015.pdf>

Diário de Notícias. 2017. Mais de 200 refugiados já fugiram de Portugal. Acedido a 21/07/2017. Disponível em: <http://www.dn.pt/portugal/interior/refugiados-em-fuga-mais-de-200-ja-sairam-de-portugal-5661391.html>

Dong, Q., Day, K. D., e Collaço, C. M. (2008) *Overcoming ethnocentrism through developing intercultural communication sensitivity and multiculturalism*. Human Communication, 11(1), 27-38.

El Jack, A. (2003) *Gender and Armed Conflict. Overview Report*. BRIDGE. Institute of Development Studies, University of Sussex, Brighton. <http://www.bridge.ids.ac.uk/reports/CEP-Conflict-Report.pdf>

Escola Secundária de Camões (2014) “*Projeto Educativo 2014-2017*”. Consultado a: 30/12/2016. Disponível em https://escamoes-web.sharepoint.com/Documents/PROJETO%20%20EDUCATIVO%20%202014_2017.pdf

Fritz, W., Möllenberg, A., e Chen, G. M. (2002). *Measuring intercultural sensitivity in different cultural contexts*. Intercultural Communication Studies, 11, 165-176

Global Trends Forced Displacement in 2015, UNHCR, UNRWA, cit in <http://refugeesmigrants.un.org/infographics>

HORTAS, M. J. (2013) *Educação e imigração: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico do centro histórico de Lisboa* (Estudos OI; 50). ISBN 978-989-685-054-8. 2013. CDU 37

Indra, D. (1999) *Engendering Forced Migration: Theory and Practice*. New York: Bergham Books

Inquérito Social Europeu (2016) Published by the Centre for Comparative Social Surveys City, University of London Northampton Square, London EC1V 0HB, United Kingdom.

Internal Displacement Monitoring Centre of the Norwegian Refugee Council. Acedido a 20/02/2017. Disponível em: <http://www.unhcr.org/576408cd7.pdf>

International Association for the Study of Forced Migration (IASFM). “*What is forced migration?*”. Acedido a 12/03/2017. Disponível em: <http://forcedmigration.org/about/whatisfm>

Lages, M. *et al.* (2006) *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas. Análise de duas sondagens*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2006, 432 p. (Observatório da Imigração, 21), ISBN 989-8000-20-1. Lisboa

López, J. J. O., Delgado, E. C., e Esclapez, E. F. (2010) *Evaluación de la sensibilidad intercultural en la Universitat Jaume I: datos preliminares sobre una muestra de jóvenes estudiantes*. Universitat Jaume I

Maroco, J. (2007) *Análise estatística com utilização do SPSS*. 3ª Edição. Lisboa. Edições Sílabo.

Meuleman, B., Davidov, E., e Billiet, J. (2009) *Changing attitudes toward immigration in Europe, 2002–2007: A dynamic group conflict theory approach*. *Social science research*. 38(2), 352-365. ISO 690

Moser, C. e Clark, F. (2001) *Victims, Perpetrators or Actors? Gender, Armed Conflict and Political Violence*, London: Zed Books

National Consultative Committee on Racism and Interculturalism (2008). *An Education Toolkit for the European Year of Intercultural Dialogue 2008*. Dublin, Irlanda

Observatório das Migrações (2016) *Newsletter Observatório das Migrações: A Atualidade de Refugiados em Portugal e na União Europeia*. Alto Comissariado para as Migrações.

Oliveira, C. R. e Gomes, N. (2015). *Imigração em números - estatísticas de bolso*. Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP) - Observatório das Migrações (OM).

Organização da Unidade Africana (OUA), *Convention Governing the Specific Aspects of Refugee Problems in Africa ("OAU Convention")*, 10 September 1969, 1001 U.N.T.S. 45. Consultado em: 21/05/2017. Disponível em:

<http://www.refworld.org/docid/3ae6b36018.html> [accessed 01-09-2016]

Organização das Nações Unidas (2015) *International Migration Report*. Department of Economic and Social Affairs, Population Division.

Organização das Nações Unidas (2015) United Nations Department of Economic and Social Affairs, Population Division, cit in <http://refugeesmigrants.un.org/infographics> Consultado a 20/05/2017.

Organização das Nações Unidas (2015). *Trends in International Migrant Stock: The 2015 Revision*. (POP/DB/MIG/Stock/Rev.2015). Departamento de Assuntos Económicos e Sociais, Divisão de População. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates15.shtml>

Organização das Nações Unidas (2017) *Addressing Large Movements of Refugees and Migrants. Infographics*. Consultado em: 21/01/2017. Disponível em: <http://refugeesmigrants.un.org/infographics>

Organização das Nações Unidas. *Refugees migrants definitions*. Acedido a 20/02/2017. Disponível em: <http://refugeesmigrants.un.org/definitions>

Organização das Nações Unidas. *Trends in International Migrant Stock: The 2013 Revision*. Divisão de População. Acedido a 20/02/2017. Disponível em: <http://esa.un.org/unmigration/wallchart2013.htm>

Organização das Nações Unidas. *Universal Declaration of Human Rights*. 217 (III) A. Paris, 1948. Consultado em: 01/09/2016. Disponível em: <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>

Organização Internacional para as Migrações. *Glossary on Migration, International Migration Law Series* No. 25, 2011. Departamento de Assuntos Económicos e Sociais, Divisão de População. Acedido a 1/02/2017. Disponível em: www.iom.int/key-migration-terms

Organização Internacional para Migrações (2016). *Global Migration Trends 2015*. IOM's Global Migration Data Analysis Centre (GMDAC). 7 Berlin, Germany. (última atualização

datada de fevereiro de 2017)

Organização Mundial de Saúde e Instituto Superior de Saúde de Itália (2001). Workshop Report, 12-13 October 2000, Naples, Italy, http://www.who.int/violence_injury_prevention/media/en/152.pdf, (accessed 12 August 2003)

Peng, S. Y. *et al.* (2005) *Measuring Intercultural Sensitivity: A Comparative Study of Ethnic Chinese and Thai Nationals*. Journal of Intercultural Communication Research 34(2), 119-137.

Ramos, A., Louceiro, A., e Graça, J. (2016) *Migrações e Refugiados: Atitudes e percepções dos europeus*. Boletim Atitudes Sociais dos Portugueses, 4. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: CLIMEPSI. Pág.41-44.

Ruiz-Bernardo, P. e Pereira, D. (2013) *Adaptação de um questionário de sensibilidade intercultural para a língua portuguesa*. Atas do III Congresso Internacional “Educação Inclusiva e Equidade”. Almada, Portugal. pág. 1876-1893

Ruiz-Bernardo, P. *et al* (2012) *Aplicación del modelo CIPP en el estudio de los factores que favorecen la sensibilidad intercultural*. RELIEVE - Revista ELectrónica de Investigación y EValuación Educativa, v. 18, n. 2, art. 4. DOI: 10.7203/relieve.18.2.1987

Ruiz-Bernardo, P. *et al.* (2014) *Study of intercultural sensitivity among young people in the province of Castellón, Spain*. Procedia - Social and Behavioral Sciences 132. 318 – 323

Statistical Office of the European Communities, Eurostat. (2016). *Eurostat news release march 2016 - Asylum in the EU Member States*. Luxembourg.

Vilá, R. (2006) *La dimensión afectiva de la competencia comunicativa intercultural en la Educación Secundaria Obligatoria: Escala de Sensibilidad Intercultural*. Revista de investigación educativa, 24(2), 353-372. ISO 690

Vilà, R. (2008) *La competencia Comunicativa Intercultural. Un estudio en el primer ciclo de la Educación Secundaria Obligatoria*. Catálogo de Publicaciones del Ministerio de Educación, Política Social y Deporte

Wu, Jia-Fen. (2015) *Examining Chen and Starosta's Model of Intercultural Sensitivity in the Taiwanese Cultural Context*. International Journal of Modern Education and Computer Science 7.6 (2015): 1

Anexo I: Questionário utilizado no estudo	i
--	----------

Questionário de Sensibilidade Intercultural

Este questionário faz parte de um projeto de mestrado em Migrações, o qual encontra-se a ser desenvolvido na Universidade Nova de Lisboa. Pedimos que respondas a todas as perguntas. As tuas respostas serão anónimas e confidenciais. Esta informação apenas será utilizada para fins académicos. Muito obrigado pela tua colaboração.

PARTE I

Pretendemos aferir a tua perceção sobre a diversidade cultural. Pedimos que leias cada uma das afirmações que aparecem em baixo e, de acordo com a tua primeira impressão, assinales com um **X** o grau de acordo ou desacordo com cada uma delas. Lembramos que não existem respostas “certas” ou “erradas”.

1= Totalmente em Desacordo; 2= Em Desacordo; 3= Não Tenho a Certeza; 4= De Acordo; 5= Totalmente de Acordo

	1	2	3	4	5
1 Gosto de me relacionar com pessoas de outras culturas.					
2 Acho que as pessoas de outras culturas têm uma mentalidade muito fechada.					
3 Quando me relaciono com pessoas de culturas diferentes sinto-me bastante confiante de mim próprio/a.					
4 É-me difícil falar com pessoas de outras culturas, ainda que conheça a sua língua.					
5 Estou muito atento/a e observador/a quando me relaciono com pessoas de outras culturas.					
6 Quando me relaciono com pessoas de outras culturas sei sempre o que dizer.					
7 Sou tão sociável com pessoas da minha própria cultura como com pessoas de outras culturas.					
8 Relacionar-me com pessoas de outras culturas provoca-me tensão.					
9 Respeito os valores das pessoas de outras culturas.					
10 É-me incómodo trabalhar ou partilhar outros espaços (por exemplo o elevador) com pessoas de diferentes culturas.					
11 Acho que tenho habilidades/competências para me relacionar com pessoas de uma cultura diferente da minha.					
12 Quando conheço alguém de outra cultura, tento não me deixar influenciar por ideias pré-concebidas, ou pelos preconceitos que possa ter acerca da sua cultura.					
13 Normalmente não me sinto confortável com pessoas de outras culturas.					
14 Considero-me uma pessoa de mente aberta às diferenças culturais.					
15 Acho que não sei comunicar suficientemente bem quando me relaciono com pessoas de outras culturas, que falam uma outra língua.					
16 Respeito os comportamentos das pessoas de outras culturas.					
17 Quando me relaciono com pessoas de outras culturas, tento estar o mais atento/a possível às suas explicações, para poder entende-las corretamente.					
18 Normalmente aceito melhor as opiniões das pessoas da minha própria cultura que as opiniões das pessoas de outras culturas.					
19 Quando me relaciono com pessoas de outras culturas, apercebo-me facilmente das pequenas/subtis diferenças de significado que possam existir nas palavras ou nas ideias.					
20 Acho que a minha cultura é melhor e mais aberta que as outras culturas.					
21 Normalmente, quando me relaciono com pessoas de outras culturas costumo ser bastante positivo/a para lhes mostrar interesse e atenção.					
22 No geral, tento evitar as situações que exigem relacionar-me com pessoas de outras culturas.					
23 Quando converso com uma pessoa de outra cultura, procuro mostrar-lhe que a compreendo dando pistas através de palavras ou gestos.					
24 Gosto de pessoas de culturas diferentes porque me parecem muito interessantes.					

PARTE II

Nesta parte pretendemos saber a tua opinião sobre a temática dos refugiados. Relembramos que não existem respostas certas ou erradas. Pedimos que respondas a todas as perguntas de forma sincera, e de acordo com o que pensas sobre o tema.

1. Em que medida consideras que estás informado/a sobre o tema dos refugiados?

1= Nada informado; 2= Pouco informado; 3= Nem pouco, nem bastante informado; 4= Bastante informado; 5= Muito informado.

Nada Informado	1	2	3	4	5	Muito Informado
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

2. Portugal deve acolher refugiados?

Escolhe apenas uma das seguintes opções:

- ☐ Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração
- ☐ Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem
- ☐ Não, Portugal não deve acolher refugiados

3. Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança.

1= Nenhuma confiança; 2= Pouca confiança; 3= Neutro; 4= Alguma confiança; 5= Muita confiança.

Nenhuma Confiança	1	2	3	4	5	Muita Confiança
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

4. Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses.

Indica em que medida concordas ou discordas com esta afirmação, com base na seguinte escala:

1= Totalmente em desacordo; 2= Em desacordo; 3= Não tenho a certeza; 4= De acordo; 5= Totalmente de acordo.

Totalmente em Desacordo	1	2	3	4	5	Totalmente de Acordo
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

5. "Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro"

Indica em que medida concordas ou discordas com esta afirmação, com base na seguinte escala:

1= Totalmente em desacordo; 2= Em desacordo; 3= Não tenho a certeza; 4= De acordo; 5= Totalmente de acordo.

Totalmente em Desacordo	1	2	3	4	5	Totalmente de Acordo
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

6. Relativamente aos valores e princípios morais, como são os refugiados comparados com os portugueses.

1= Muito Diferentes; 2= Um pouco Diferentes; 3= Nem Diferentes, nem Semelhantes; 4= Um pouco Semelhantes; 5= Muito Semelhantes.

Muito Diferentes	1	2	3	4	5	Muito Semelhantes
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

7. Relativamente às crenças e práticas religiosas, como são os refugiados comparados com os portugueses.

1= Muito Diferentes; 2= Um pouco Diferentes; 3= Nem Diferentes, nem Semelhantes; 4= Um pouco Semelhantes; 5= Muito Semelhantes.

Muito Diferentes	1	2	3	4	5	Muito Semelhantes
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

8. Relativamente à língua, como são os refugiados comparados com os portugueses.

1= Muito Diferentes; 2= Um pouco Diferentes; 3= Nem Diferentes, nem Semelhantes; 4= Um pouco Semelhantes; 5= Muito Semelhantes.

Muito Diferentes	1	2	3	4	5	Muito Semelhantes
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

9. Conheces ou tens algum contacto com refugiados?

Assinala a tua resposta numa das opções apresentadas em baixo.

Sim ☐

Não ☐

PARTE III. Dados de Caracterização.

1. Qual a tua data de nascimento?

Indica por favor o dia, mês e o ano.

___ / ___ / ___

2. Sexo

Masculino

☐

Feminino

☐

3. Em que país nasceste?

4. Qual a tua nacionalidade?

5. Já viveste fora de Portugal?

Sim

☐

Não

☐

6. Em que país nasceu a tua mãe?

7. Qual a nacionalidade da tua mãe?

8. Qual o nível de habilitações da tua mãe?

Sem estudos

☐

Ensino básico (1º ao 4º ano)

☐

Ensino básico (5º ao 6º ano)

☐

Ensino básico (7º ao 9º ano)

☐

Ensino secundário (10º ao 12º ano)

☐

Ensino Superior

☐

9. Em que país nasceu o teu pai?

10. Qual a nacionalidade do teu pai?

11. Qual o nível de habilitações do teu pai?

Sem estudos

☐

Ensino básico (1º ao 4º ano)

☐

Ensino básico (5º ao 6º ano)

☐

Ensino básico (7º ao 9º ano)

☐

Ensino secundário (10º ao 12º ano)

☐

Ensino Superior

☐

12. Gostarias de participar em ações de sensibilização ou ações de formação relacionados com o tema dos refugiados?

Sim

☐

Não

☐

Anexo II: Ofício de enquadramento aos professores.	ii
--	-----------

A/c do(a) Professor(a) Responsável

Assunto: Informação prévia à aplicação dos questionários

Caro(a) Professor(a),

A aplicação do presente questionário enquadra-se no âmbito do projeto de dissertação de mestrado em Migrações Inter-etnicidades e Transnacionalismo, a decorrer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Previamente à aplicação do questionário, pedimos que solicitem aos alunos e às alunas a sua colaboração neste trabalho de investigação, o qual pretende aferir a sua opinião sobre assuntos relacionados com a interculturalidade e a temática das migrações (não sendo necessário entrar em grandes detalhes).

Antes da aplicação deverão informar que o questionário deverá ser preenchido de forma individual, sendo que não existem respostas certas ou erradas.

Cada aluno/aluna deverá ler as afirmações/questões e responder de acordo com a sua primeira impressão. O questionário é constituído por três partes.

As respostas serão anónimas e confidenciais. A informação recolhida apenas será utilizada para fins académicos.

Terminado o período de preenchimento do questionário (sensivelmente 30 minutos), deverão recolher os questionários, verificando se o mesmo encontra-se preenchido na totalidade.

Recolhidos todos os exemplares, pedimos que agradeçam aos alunos e às alunas em nome da Universidade Nova de Lisboa, pela sua valiosa colaboração.

Os resultados deste estudo serão sistematizados para posterior devolução à Escola Secundária de Camões, com informações relevantes no que diz respeito ao índice de Sensibilidade Intercultural, indicando possíveis áreas a trabalhar, procurando contribuir para a promoção de atitudes de reconhecimento, respeito, tolerância e integração de diferenças culturais em contexto escolar.

No verso da folha, poderão registar eventuais situações ocorridas durante a aplicação do questionário, com o objetivo de fazer chegar as mesmas aos investigadores.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer o interesse do Executivo da Escola Secundária Camões para participar neste trabalho de investigação, assim como aos professores que se disponibilizaram para assegurar a implementação dos questionários em contexto de aula.

Antecipadamente grato pela colaboração e atenção disponibilizada.

Cordialmente,

Paulo Jorge Vieira

Mestrando em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo,
na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Anexo III: Resultados da primeira análise de componentes principais (24 itens).	iii
--	------------

Análise de Componentes Principais^a

	Componentes						
	1	2	3	4	5	6	7
18. Normalmente aceito melhor as opiniões das pessoas da minha própria cultura que as opiniões das pessoas de outras culturas.	,743	,024	-,094	,133	,097	,257	,193
22. No geral, tento evitar as situações que exigem relacionar-me com pessoas de outras culturas.	,705	,217	,192	,177	,095	-,006	-,037
20. Acho que a minha cultura é melhor e mais aberta que as outras culturas.	,687	-,142	-,052	,111	-,099	,302	,045
13. Normalmente não me sinto confortável com pessoas de outras culturas.	,650	,111	,217	,385	,079	-,129	-,065
1. Gosto de me relacionar com pessoas de outras culturas.	,606	,219	,170	-,150	,276	,004	,324
3. Quando me relaciono com pessoas de culturas diferentes sinto-me bastante confiante de mim próprio/a.	,019	,731	,018	-,105	,030	,184	-,188
7. Sou tão sociável com pessoas da minha própria cultura como com pessoas de outras culturas.	,367	,704	-,147	,066	,029	-,073	,062
11. Acho que tenho habilidades/competências para me relacionar com pessoas de uma cultura diferente da minha.	,134	,630	,287	,079	,082	,059	,139
15. Acho que não sei comunicar suficientemente bem quando me relaciono com pessoas de outras culturas, que falam uma outra língua.	-,124	,615	,030	,356	-,047	,344	-,035
6. Quando me relaciono com pessoas de outras culturas sei sempre o que dizer.	-,059	,589	,192	,221	,021	-,179	,309
23. Quando converso com uma pessoa de outra cultura, procuro mostrar-lhe que a compreendo dando pistas através de palavras ou gestos.	-,038	,130	,761	,152	,122	,226	-,038
19. Quando me relaciono com pessoas de outras culturas, apercebo-me facilmente das pequenas/subtis diferenças de significado que possam existir nas palavras ou nas ideias.	,113	-,010	,686	-,034	-,302	,053	,141
24. Gosto de pessoas de culturas diferentes porque me parecem muito interessantes.	,239	,333	,448	-,064	,238	,364	,035
4. É-me difícil falar com pessoas de outras culturas, ainda que conheça a sua língua.	,172	,275	,332	,719	-,020	-,092	,030
2. Acho que as pessoas de outras culturas têm uma mentalidade muito fechada.	,189	-,202	-,149	,695	,115	,174	,138
8. Relacionar-me com pessoas de outras culturas provoca-me tensão.	,220	,318	-,018	,683	-,042	-,194	-,063
9. Respeito os valores das pessoas de outras culturas.	,020	,010	-,052	-,046	,801	-,026	,236
16. Respeito os comportamentos das pessoas de outras culturas.	,152	,043	-,012	,138	,760	,201	-,162
5. Estou muito atento/a e observador/a quando me relaciono com pessoas de outras culturas.	,104	,135	,081	-,210	,134	,724	,190
17. Quando me relaciono com pessoas de outras culturas, tento estar o mais atento/a possível às suas explicações, para poder entendê-las corretamente.	,203	-,003	,337	,186	-,010	,617	,126
21. Normalmente, quando me relaciono com pessoas de outras culturas costumo ser bastante positivo/a para lhes mostrar interesse e atenção.	,297	,236	,383	-,130	,340	,388	-,119
12. Quando conheço alguém de outra cultura, tento não me deixar influenciar por ideias pré-concebidas, ou pelos preconceitos que possa ter acerca da sua cultura.	,153	,003	,040	-,008	,032	,154	,802
14. Considero-me uma pessoa de mente aberta às diferenças culturais.	,407	,165	,299	,104	,348	,123	,473
10. É-me incómodo trabalhar ou partilhar outros espaços (por exemplo o elevador) com pessoas de diferentes culturas.	-,126	,048	-,367	,265	-,344	,189	,419

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 11 iterations.

Anexo IV: Outputs estatísticos produzidos no âmbito do estudo.....iv

1. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* área/agrupamento de estudo (artes visuais, ciências e tecnologias, informática e línguas e humanidades)
2. Variável sociodemográfica sexo *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
3. Variável sociodemográfica idade *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
4. Grau de escolaridade da mãe *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
5. Grau de escolaridade do pai *versus* níveis de sensibilidade intercultural.
6. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* forma como os jovens se consideram informados relativamente ao tema dos refugiados.
7. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.
8. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* confiança nos refugiados.
9. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* concordância com a atribuição aos refugiados dos mesmos direitos que os cidadãos portugueses.
10. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* aceitação de um refugiado na minha “comunidade/bairro”.
11. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* perceção dos refugiados relativamente aos valores e princípios morais quando comparados com os portugueses.
12. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* perceção dos refugiados relativamente às crenças e práticas religiosas quando comparados com os portugueses.
13. Níveis de sensibilidade intercultural *versus* perceção dos refugiados relativamente à língua quando comparados com os portugueses.
14. Variável sociodemográfica sexo *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.
15. Variável idade *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.
16. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* conhecimento ou o contacto direto com um refugiado.
17. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* experiência do aluno em viver fora de Portugal.
18. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* naturalidade da mãe.
19. Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* naturalidade do pai.

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* área/agrupamento de estudo (artes visuais, ciências e tecnologias, informática e línguas e humanidades)

Oneway

Descriptives

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Artes visuais	15	4.0528	.40165	.10371	3.8303	4.2752	3.38	4.67
Ciência e tecnologia	70	3.9708	.40889	.04887	3.8733	4.0683	2.54	4.88
Informática	12	3.8125	.27032	.07804	3.6407	3.9843	3.38	4.42
Línguas e humanidades	20	3.8979	.38675	.08648	3.7169	4.0789	3.08	4.58
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Post Hoc Tests

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
1.114	3	113	.346	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.469	3	.156	1.013	.390
Within Groups	17.440	113	.154		
Total	17.909	116			

Homogeneous Subsets

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Turma	(J) Turma	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
			J)			Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Artes visuais	Ciência e tecnologia	.08194	.11178	.884	-.2095	.3734
		Informática e gestão	.24028	.15215	.395	-.1565	.6370
		Línguas e humanidades	.15486	.13419	.657	-.1951	.5048
	Ciência e tecnologia	Artes visuais	-.08194	.11178	.884	-.3734	.2095
		Informática e gestão	.15833	.12275	.571	-.1617	.4784
		Línguas e humanidades	.07292	.09961	.884	-.1868	.3327
	Informática e gestão	Artes visuais	-.24028	.15215	.395	-.6370	.1565
		Ciência e tecnologia	-.15833	.12275	.571	-.4784	.1617
		Línguas e humanidades	-.08542	.14345	.933	-.4595	.2887

Variável sociodemográfica sexo *versus* níveis de sensibilidade intercultural.

T-Test

Group Statistics					
	Sexo	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Sensibilidade Intercultural	Masculino	43	3.8372	.35516	.05416
	Feminino	74	4.0197	.40044	.04655

Independent Samples Test										
		Levene's Test for Equality of Variances				t-test for Equality of Means				
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
Sensibilidade Intercultural	Equal variances assumed	.682	.411	-2.475	115	.015	-.18250	.07373	-.32855	-.03645
	Equal variances not assumed			-2.555	96.630	.012	-.18250	.07142	-.32425	-.04075

Variável sociodemográfica idade *versus* níveis de sensibilidade intercultural.

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Idade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	.123 ^a	.015	.007	.39163

a. Predictors: (Constant), Idade

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	.272	1	.272	1.772	.186 ^b
	Residual	17.638	115	.153		
	Total	17.909	116			

a. Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural

b. Predictors: (Constant), Idade

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	2.823	.849		3.323	.001
	Idade	.065	.048	.123	1.331	.186

a. Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural

Correlations

Correlations

		Sensibilidade Intercultural	Idade
Sensibilidade Intercultural	Pearson Correlation	1	.123
	Sig. (2-tailed)		.186
	N	117	117
Idade	Pearson Correlation	.123	1
	Sig. (2-tailed)	.186	
	N	117	117

Grau de escolaridade da mãe *versus* níveis de sensibilidade intercultural.

Oneway

Descriptives

Sensibilidade Intercultural									
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum	
					Lower Bound	Upper Bound			
Ensino básico (1º ao 9º ano)	18	3.9236	.35679	.08410	3.7462	4.1010	3.17	4.54	
Ensino secundário (10º ao 12º ano)	29	3.9353	.37444	.06953	3.7929	4.0778	3.17	4.63	
Ensino superior	69	3.9801	.40198	.04839	3.8835	4.0766	2.54	4.88	
Total	116	3.9601	.38614	.03585	3.8891	4.0311	2.54	4.88	

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
.335	2	113	.716	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.069	2	.035	.229	.796
Within Groups	17.078	113	.151		
Total	17.147	115			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Escolaridade mãe	(J) Escolaridade mãe	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
			J)			Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Ensino básico (1º ao 9º ano)	Ensino secundário (10º ao 12º ano)	-.01173	.11665	.994	-.2888	.2653
		Ensino superior	-.05646	.10289	.847	-.3008	.1879
	Ensino secundário (10º ao 12º ano)	Ensino básico (1º ao 9º ano)	.01173	.11665	.994	-.2653	.2888
		Ensino superior	-.04473	.08603	.862	-.2491	.1596
	Ensino superior	Ensino básico (1º ao 9º ano)	.05646	.10289	.847	-.1879	.3008
		Ensino secundário (10º ao 12º ano)	.04473	.08603	.862	-.1596	.2491

Grau de escolaridade do pai *versus* níveis de sensibilidade intercultural.

Oneway

Descriptives

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Ensino básico (1º ao 9º ano)	19	3.8947	.35637	.08176	3.7230	4.0665	3.38	4.67
Ensino secundário (10º ao 12º ano)	33	3.9760	.37515	.06531	3.8430	4.1090	3.17	4.63
Ensino superior	61	3.9781	.40971	.05246	3.8732	4.0831	2.54	4.88
Total	113	3.9635	.38924	.03662	3.8909	4.0360	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
.161	2	110	.851	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.108	2	.054	.353	.704
Within Groups	16.861	110	.153		
Total	16.969	112			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Escolaridade pai	(J) Escolaridade pai	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Ensino secundário (10º ao 12º ano)	Ensino básico (1º ao 9º ano)	.08127	.11275	.752	-.1866	.3491
		Ensino superior	-.00213	.08460	1.000	-.2031	.1989
	Ensino superior	Ensino básico (1º ao 9º ano)	.08341	.10286	.697	-.1610	.3278
		Ensino secundário (10º ao 12º ano)	.00213	.08460	1.000	-.1989	.2031
	Ensino básico (1º ao 9º ano)	Ensino secundário (10º ao 12º ano)	-.08127	.11275	.752	-.3491	.1866
		Ensino superior	-.08341	.10286	.697	-.3278	.1610

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* forma como os jovens se consideram informados relativamente ao tema dos refugiados.

Oneway

Descriptives

Sensibilidade Intercultural									
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum	
					Lower Bound	Upper Bound			
Nada/Pouco informado	17	3.7549	.32572	.07900	3.5874	3.9224	3.29	4.50	
Nem pouco nem bastante informado	59	3.9124	.38052	.04954	3.8133	4.0116	3.08	4.63	
Bastante/Muito informado	41	4.0925	.39534	.06174	3.9677	4.2173	2.54	4.88	
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88	

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
.318	2	114	.729	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.562	2	.781	5.446	.006
Within Groups	16.348	114	.143		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Informação refugiados	(J) Informação refugiados	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Nada/Pouco informado	Nem pouco nem bastante informado	-.15753	.10424	.289	-.4051	.0900
		Bastante/Muito informado	-.33758*	.10924	.007	-.5970	-.0782
	Nem pouco nem bastante informado	Nada/Pouco informado	.15753	.10424	.289	-.0900	.4051
		Bastante/Muito informado	-.18005	.07699	.055	-.3629	.0028
	Bastante/Muito informado	Nada/Pouco informado	.33758*	.10924	.007	.0782	.5970
		Nem pouco nem bastante informado	.18005	.07699	.055	-.0028	.3629

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

Sensibilidade Intercultural									
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum	
					Lower Bound	Upper Bound			
Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	66	4.0145	.35208	.04334	3.9280	4.1011	3.29	4.88	
Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	44	3.9413	.41065	.06191	3.8164	4.0661	2.54	4.63	
Não, Portugal não deve acolher refugiados	7	3.4405	.29053	.10981	3.1718	3.7092	3.08	3.92	
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88	

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
.704	2	114	.497	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	2.095	2	1.047	7.549	.001
Within Groups	15.815	114	.139		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Portugal deve acolher refugiados?	(J) Portugal deve acolher refugiados?	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	.07323	.07249	.572	-.0989	.2454
		Não, Portugal não deve acolher refugiados	.57404 [*]	.14805	.001	.2225	.9256
	Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	-.07323	.07249	.572	-.2454	.0989
		Não, Portugal não deve acolher refugiados	.50081 [*]	.15156	.004	.1409	.8607
	Não, Portugal não deve acolher refugiados	Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	-.57404 [*]	.14805	.001	-.9256	-.2225
		Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	-.50081 [*]	.15156	.004	-.8607	-.1409

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* confiança nos refugiados.

Sensibilidade Intercultural

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Nenhuma confiança	4	3.6146	.25769	.12885	3.2045	4.0246	3.29	3.92
Pouca confiança	6	3.5069	.57338	.23408	2.9052	4.1087	2.54	4.04
Neutro	43	3.8498	.35181	.05365	3.7415	3.9581	3.17	4.63
Alguma confiança	48	4.0399	.34552	.04987	3.9396	4.1403	3.29	4.88
Muita confiança	16	4.2188	.33212	.08303	4.0418	4.3957	3.58	4.67
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural

Levene Statistic	df1	df2	Sig.
1.464	4	112	.218

ANOVA

Sensibilidade Intercultural

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	3.602	4	.901	7.050	.000
Within Groups	14.307	112	.128		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural

	(I) Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança.	(J) Pensando nos refugiados que estão a ser acolhidos em Portugal, indica até que ponto consideras que podem merecer a tua confiança.	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Nenhuma confiança	Pouca confiança	.10764	.23071	.990	-.5320	.7473
		Neutro	-.23522	.18683	.717	-.7533	.2828
		Alguma confiança	-.42535	.18600	.157	-.9411	.0904
		Muita confiança	-.60417*	.19980	.025	-1.1581	-.0502
	Pouca confiança	Nenhuma confiança	-.10764	.23071	.990	-.7473	.5320
		Neutro	-.34286	.15576	.187	-.7747	.0890
		Alguma confiança	-.53299*	.15476	.007	-.9621	-.1039
		Muita confiança	-.71181*	.17110	.001	-1.1862	-.2374
	Neutro	Nenhuma confiança	.23522	.18683	.717	-.2828	.7533
		Pouca confiança	.34286	.15576	.187	-.0890	.7747
		Alguma confiança	-.19012	.07505	.091	-.3982	.0180
		Muita confiança	-.36894*	.10466	.005	-.6591	-.0787
	Alguma confiança	Nenhuma confiança	.42535	.18600	.157	-.0904	.9411
		Pouca confiança	.53299*	.15476	.007	.1039	.9621
		Neutro	.19012	.07505	.091	-.0180	.3982
		Muita confiança	-.17882	.10317	.418	-.4649	.1073
	Muita confiança	Nenhuma confiança	.60417*	.19980	.025	.0502	1.1581
		Pouca confiança	.71181*	.17110	.001	.2374	1.1862
		Neutro	.36894*	.10466	.005	.0787	.6591
		Alguma confiança	.17882	.10317	.418	-.1073	.4649

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* concordância com a atribuição aos refugiados dos mesmos direitos que os cidadãos portugueses.

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean			
					Lower Bound	Upper Bound	Minimum	Maximum
Totalmente em desacordo	3	3.6667	.33072	.19094	2.8451	4.4882	3.29	3.92
Em desacordo	17	3.7304	.48906	.11861	3.4789	3.9818	2.54	4.63
Não tenho a certeza	30	3.8917	.37724	.06888	3.7508	4.0325	3.17	4.54
De acordo	33	3.9735	.35414	.06165	3.8479	4.0991	3.33	4.88
Totalmente de acordo	34	4.1225	.32711	.05610	4.0084	4.2367	3.50	4.67
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
.405	4	112	.805	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	2.192	4	.548	3.906	.005
Within Groups	15.717	112	.140		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural								
	(I) Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses.	(J) Aos refugiados devem ser atribuídos os mesmos direitos que os cidadãos portugueses.	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval		
						Lower Bound	Upper Bound	
Tukey HSD	Totalmente em desacordo	Em desacordo	-.06373	.23459	.999	-.7142	.5867	
		Não tenho a certeza	-.22500	.22684	.858	-.8540	.4040	
		De acordo	-.30682	.22590	.655	-.9332	.3195	
		Totalmente de acordo	-.45588	.22562	.263	-1.0815	.1697	
	Em desacordo	Totalmente em desacordo	.06373	.23459	.999	-.5867	.7142	
		Não tenho a certeza	-.16127	.11372	.617	-.4766	.1540	
		De acordo	-.24309	.11184	.197	-.5532	.0670	
		Totalmente de acordo	-.39216*	.11127	.005	-.7007	-.0836	
	Não tenho a certeza	Totalmente em desacordo	.22500	.22684	.858	-.4040	.8540	
		Em desacordo	.16127	.11372	.617	-.1540	.4766	
		De acordo	-.08182	.09450	.909	-.3438	.1802	
		Totalmente de acordo	-.23088	.09383	.107	-.4911	.0293	
	De acordo	Totalmente em desacordo	.30682	.22590	.655	-.3195	.9332	
		Em desacordo	.24309	.11184	.197	-.0670	.5532	
		Não tenho a certeza	.08182	.09450	.909	-.1802	.3438	
		Totalmente de acordo	-.14906	.09154	.483	-.4029	.1048	
	Totalmente de acordo	Totalmente em desacordo	.45588	.22562	.263	-.1697	1.0815	
		Em desacordo	.39216*	.11127	.005	.0836	.7007	
		Não tenho a certeza	.23088	.09383	.107	-.0293	.4911	
		De acordo	.14906	.09154	.483	-.1048	.4029	

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* aceitação de um refugiado na minha “comunidade/bairro”.

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Totalmente em desacordo	3	3.5972	.31273	.18056	2.8204	4.3741	3.29	3.92
Em desacordo	4	3.3542	.57885	.28943	2.4331	4.2752	2.54	3.88
Não tenho a certeza	15	3.7056	.38815	.10022	3.4906	3.9205	3.08	4.63
De acordo	33	3.9091	.35729	.06220	3.7824	4.0358	3.17	4.88
Totalmente de acordo	62	4.0914	.32720	.04155	4.0083	4.1745	3.33	4.67
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural			
Levene Statistic	df1	df2	Sig.
.496	4	112	.739

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	3.984	4	.996	8.010	.000
Within Groups	13.926	112	.124		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro.	(J) Um refugiado pode viver na minha comunidade/bairro.	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Totalmente em desacordo	Em desacordo	.24306	.26931	.895	-.5037	.9898
		Não tenho a certeza	-.10833	.22301	.989	-.7267	.5100
		De acordo	-.31187	.21263	.586	-.9014	.2777
		Totalmente de acordo	-.49418	.20845	.131	-1.0721	.0838
	Em desacordo	Totalmente em desacordo	-.24306	.26931	.895	-.9898	.5037
		Não tenho a certeza	-.35139	.19843	.396	-.9016	.1988
		De acordo	-.55492*	.18669	.029	-1.0726	-.0373
		Totalmente de acordo	-.73723*	.18191	.001	-1.2416	-.2329
	Não tenho a certeza	Totalmente em desacordo	.10833	.22301	.989	-.5100	.7267
		Em desacordo	.35139	.19843	.396	-.1988	.9016
		De acordo	-.20354	.10980	.349	-.5080	.1009
		Totalmente de acordo	-.38584*	.10146	.002	-.6672	-.1045
	De acordo	Totalmente em desacordo	.31187	.21263	.586	-.2777	.9014
		Em desacordo	.55492*	.18669	.029	.0373	1.0726
		Não tenho a certeza	.20354	.10980	.349	-.1009	.5080
		Totalmente de acordo	-.18231	.07598	.123	-.3930	.0284
	Totalmente de acordo	Totalmente em desacordo	.49418	.20845	.131	-.0838	1.0721
		Em desacordo	.73723*	.18191	.001	.2329	1.2416
		Não tenho a certeza	.38584*	.10146	.002	.1045	.6672
		De acordo	.18231	.07598	.123	-.0284	.3930

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* percepção dos refugiados relativamente aos valores e princípios morais quando comparados com os portugueses.

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Muito diferentes	13	3.9231	.36832	.10215	3.7005	4.1457	3.29	4.63
Um pouco diferentes	30	3.9792	.45732	.08349	3.8084	4.1499	2.54	4.88
Nem diferentes, nem semelhantes	39	3.8921	.35967	.05759	3.7755	4.0087	3.08	4.63
Um pouco semelhantes	22	4.0511	.42665	.09096	3.8620	4.2403	3.17	4.67
Muito semelhantes	13	3.9359	.30076	.08342	3.7542	4.1176	3.33	4.63
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural			
Levene Statistic	df1	df2	Sig.
1.003	4	112	.409

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.393	4	.098	.627	.644
Within Groups	17.517	112	.156		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural								
		(I) Relativamente aos valores e princípios morais, como são os refugiados comparados com os portugueses.	(J) Relativamente aos valores e princípios morais, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
							Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Muito diferentes	Um pouco diferentes		-.05609	.13132	.993	-.4202	.3080
		Nem diferentes, nem semelhantes		.03098	.12665	.999	-.3202	.3822
		Um pouco semelhantes		-.12806	.13835	.886	-.5117	.2555
		Muito semelhantes		-.01282	.15512	1.000	-.4429	.4173
	Um pouco diferentes	Muito diferentes		.05609	.13132	.993	-.3080	.4202
		Nem diferentes, nem semelhantes		.08707	.09604	.894	-.1792	.3534
		Um pouco semelhantes		-.07197	.11101	.967	-.3798	.2358
		Muito semelhantes		.04327	.13132	.997	-.3208	.4074
	Nem diferentes, nem semelhantes	Muito diferentes		-.03098	.12665	.999	-.3822	.3202
		Um pouco diferentes		-.08707	.09604	.894	-.3534	.1792
		Um pouco semelhantes		-.15904	.10545	.559	-.4514	.1333
		Muito semelhantes		-.04380	.12665	.997	-.3950	.3074
	Um pouco semelhantes	Muito diferentes		.12806	.13835	.886	-.2555	.5117
		Um pouco diferentes		.07197	.11101	.967	-.2358	.3798
		Nem diferentes, nem semelhantes		.15904	.10545	.559	-.1333	.4514
		Muito semelhantes		.11524	.13835	.920	-.2684	.4988
	Muito semelhantes	Muito diferentes		.01282	.15512	1.000	-.4173	.4429
		Um pouco diferentes		-.04327	.13132	.997	-.4074	.3208
		Nem diferentes, nem semelhantes		.04380	.12665	.997	-.3074	.3950
		Um pouco semelhantes		-.11524	.13835	.920	-.4988	.2684

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* percepção dos refugiados relativamente às crenças e práticas religiosas quando comparados com os portugueses.

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Muito diferentes	34	3.9547	.44076	.07559	3.8009	4.1084	2.54	4.88
Um pouco diferentes	52	3.9111	.34211	.04744	3.8158	4.0063	3.08	4.63
Nem diferentes, nem semelhantes	26	4.0721	.40698	.07982	3.9077	4.2365	3.42	4.67
Um pouco semelhantes	5	3.7500	.42492	.19003	3.2224	4.2776	3.33	4.38
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural			
Levene Statistic	df1	df2	Sig.
.938	3	113	.425

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.666	3	.222	1.456	.230
Within Groups	17.243	113	.153		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Relativamente □ crenças e práticas religiosas, como são os refugiados comparados com os portugueses.	(J) Relativamente □ crenças e práticas religiosas, como são os refugiados comparados com os portugueses.	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Muito diferentes	Um pouco diferentes	.04360	.08615	.957	-.1811	.2683
		Nem diferentes, nem semelhantes	-.11746	.10177	.657	-.3828	.1479
		Um pouco semelhantes	.20466	.18710	.694	-.2832	.6926
	Um pouco diferentes	Muito diferentes	-.04360	.08615	.957	-.2683	.1811
		Nem diferentes, nem semelhantes	-.16106	.09383	.320	-.4057	.0836
		Um pouco semelhantes	.16106	.18290	.815	-.3159	.6380
	Nem diferentes, nem semelhantes	Muito diferentes	.11746	.10177	.657	-.1479	.3828
		Um pouco diferentes	.16106	.09383	.320	-.0836	.4057
		Um pouco semelhantes	.32212	.19075	.334	-.1753	.8195
	Um pouco semelhantes	Muito diferentes	-.20466	.18710	.694	-.6926	.2832
		Um pouco diferentes	-.16106	.18290	.815	-.6380	.3159
		Nem diferentes, nem semelhantes	-.32212	.19075	.334	-.8195	.1753

Níveis de sensibilidade intercultural *versus* percepção dos refugiados relativamente à língua quando comparados com os portugueses.

Sensibilidade Intercultural								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Muito diferentes	52	3.9832	.40374	.05599	3.8708	4.0956	3.08	4.88
Um pouco diferentes	47	3.9583	.31313	.04568	3.8664	4.0503	3.17	4.63
Nem diferentes, nem semelhantes	16	3.7995	.52929	.13232	3.5174	4.0815	2.54	4.67
Um pouco semelhantes	2	4.2500	.53033	.37500	-.5148	9.0148	3.88	4.63
Total	117	3.9526	.39293	.03633	3.8807	4.0246	2.54	4.88

Test of Homogeneity of Variances

Sensibilidade Intercultural				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
1.565	3	113	.202	

ANOVA

Sensibilidade Intercultural					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.602	3	.201	1.311	.275
Within Groups	17.307	113	.153		
Total	17.909	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Sensibilidade Intercultural							
	(I) Relativamente à língua, como se os refugiados comparados com os portugueses.	(J) Relativamente à língua, como se os refugiados comparados com os portugueses.	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Muito diferentes	Um pouco diferentes	.02484	.07877	.989	-.1806	.2302
		Nem diferentes, nem semelhantes	.18369	.11188	.360	-.1081	.4755
		Um pouco semelhantes	-.26683	.28200	.780	-1.0022	.4685
	Um pouco diferentes	Muito diferentes	-.02484	.07877	.989	-.2302	.1806
		Nem diferentes, nem semelhantes	.15885	.11328	.501	-.1365	.4542
		Um pouco semelhantes	-.29167	.28256	.731	-1.0285	.4452
	Nem diferentes, nem semelhantes	Muito diferentes	-.18369	.11188	.360	-.4755	.1081
		Um pouco diferentes	-.15885	.11328	.501	-.4542	.1365
		Um pouco semelhantes	-.45052	.29352	.420	-1.2159	.3149
	Um pouco semelhantes	Muito diferentes	.26683	.28200	.780	-.4685	1.0022
		Um pouco diferentes	.29167	.28256	.731	-.4452	1.0285
		Nem diferentes, nem semelhantes	.45052	.29352	.420	-.3149	1.2159

Variável sociodemográfica sexo *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

Crosstabs

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Portugal deve acolher refugiados?	117	100.0%	0	0.0%	117	100.0%

Sexo * Portugal deve acolher refugiados? Crosstabulation

		Portugal deve acolher refugiados?			Total
		Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integraç�o	Sim, devemos permitir a sua estadia at� que possam regressar aos seus locais de origem	N�, Portugal n� deve acolher refugiados	
Sexo	Masculino	Count	25	13	43
		Expected Count	24.3	16.2	43.0
	Feminino	Count	41	31	74
		Expected Count	41.7	27.8	74.0
Total	Count	66	44	7	117
	Expected Count	66.0	44.0	7.0	117.0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	4.640 ^a	2	.098
Likelihood Ratio	4.518	2	.104
Linear-by-Linear Association	.280	1	.597
N of Valid Cases	117		

a. 2 cells (33,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,57.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal		
Phi	.199	.098
Cramer's V	.199	.098
N of Valid Cases	117	

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Variável idade *versus* grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal.

Idade								
	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	66	17.44	.726	.089	17.26	17.62	16	20
Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	44	17.64	.810	.122	17.39	17.88	17	20
Não, Portugal não deve acolher refugiados	7	17.29	.488	.184	16.83	17.74	17	18
Total	117	17.50	.750	.069	17.37	17.64	16	20

Test of Homogeneity of Variances

Idade				
Levene Statistic	df1	df2	Sig.	
1.246	2	114	.292	

ANOVA

Idade					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.380	2	.690	1.232	.296
Within Groups	63.868	114	.560		
Total	65.248	116			

Post Hoc Tests

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Idade							
	(I) Portugal deve acolher refugiados?	(J) Portugal deve acolher refugiados?	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Tukey HSD	Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	-.197	.146	.370	-.54	.15
		Não, Portugal não deve acolher refugiados	.154	.298	.863	-.55	.86
	Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	.197	.146	.370	-.15	.54
		Não, Portugal não deve acolher refugiados	.351	.305	.485	-.37	1.07
	Não, Portugal não deve acolher refugiados	Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integração	-.154	.298	.863	-.86	.55
		Sim, devemos permitir a sua estadia até que possam regressar aos seus locais de origem	-.351	.305	.485	-1.07	.37

Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* conhecimento ou o contacto direto com um refugiado.

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Conheces ou tens algum contacto com refugiados? * Portugal deve acolher refugiados?	117	100.0%	0	0.0%	117	100.0%

Conheces ou tens algum contacto com refugiados? * Portugal deve acolher refugiados? Crosstabulation

		Portugal deve acolher refugiados?				
		Sim, devemos acolher refugiados e promover a sua integra�o	Sim, devemos permitir a sua estadia at�que possam regressar aos seus locais de origem	N�, Portugal n� deve acolher refugiados	Total	
Conheces ou tens algum contacto com refugiados?	Sim	Count	2	4	1	7
		Expected Count	3.9	2.6	.4	7.0
	N�	Count	64	40	6	110
		Expected Count	62.1	41.4	6.6	110.0
Total		Count	66	44	7	117
		Expected Count	66.0	44.0	7.0	117.0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2.636 ^a	2	.268
Likelihood Ratio	2.526	2	.283
Linear-by-Linear Association	2.609	1	.106
N of Valid Cases	117		

a. 3 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,42.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	.150	.268
Cramer's V	.150	.268
N of Valid Cases	117	

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* experiência do aluno em viver fora de Portugal.

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
JQviveste fora de Portugal? * Portugal deve acolher refugiados?	117	100.0%	0	0.0%	117	100.0%

JQviveste fora de Portugal? * Portugal deve acolher refugiados? Crosstabulation

		Portugal deve acolher refugiados?				Total
		Sim, devemos permitir a sua estadia at□ que possam regressar aos seus locais de origem			ND, Portugal n□ deve acolher refugiados	
JQviveste fora de Portugal?	Sim	Count	13	10	1	24
	Sim	Expected Count	13.5	9.0	1.4	24.0
	ND	Count	53	34	6	93
	ND	Expected Count	52.5	35.0	5.6	93.0
Total		Count	66	44	7	117
		Expected Count	66.0	44.0	7.0	117.0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	.326 ^a	2	.850
Likelihood Ratio	.338	2	.845
Linear-by-Linear Association	.001	1	.969
N of Valid Cases	117		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,44.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	.053	.850
	Cramer's V	.053	.850
N of Valid Cases		117	

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* naturalidade da mãe.

Crosstabs

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Naturalidade_mãe * Portugal deve acolher refugiados?	117	100.0%	0	0.0%	117	100.0%

Naturalidade_mãe * Portugal deve acolher refugiados? Crosstabulation

		Portugal deve acolher refugiados?				
			Sim, devemos permitir a sua estadia at�que possam regressar aos seus locais de origem	NO, Portugal n� deve acolher refugiados	Total	
Naturalidade_m�	Portuguesa	Count	46	39	7	92
		Expected Count	51.9	34.6	5.5	92.0
	Outra	Count	20	5	0	25
		Expected Count	14.1	9.4	1.5	25.0
Total		Count	66	44	7	117
		Expected Count	66.0	44.0	7.0	117.0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	7.659 ^a	2	.022
Likelihood Ratio	9.269	2	.010
Linear-by-Linear Association	7.458	1	.006
N of Valid Cases	117		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,50.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	.256	.022
Cramer's V	.256	.022
N of Valid Cases	117	

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Grau de concordância relativamente ao acolhimento de refugiados em Portugal *versus* naturalidade do pai.

Crosstabs

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Naturalidade_pai * Portugal deve acolher refugiados?	117	100.0%	0	0.0%	117	100.0%

Naturalidade_pai * Portugal deve acolher refugiados? Crosstabulation

		Portugal deve acolher refugiados?				
			Sim, devemos permitir a sua estadia at�que possam regressar aos seus locais de origem	NO, Portugal n� deve acolher refugiados	Total	
Naturalidade_pai	Portuguesa	Count	51	38	6	95
		Expected Count	53.6	35.7	5.7	95.0
	Outra	Count	15	6	1	22
		Expected Count	12.4	8.3	1.3	22.0
Total		Count	66	44	7	117
		Expected Count	66.0	44.0	7.0	117.0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1.529 ^a	2	.466
Likelihood Ratio	1.567	2	.457
Linear-by-Linear Association	1.268	1	.260
N of Valid Cases	117		

a. 1 cells (16,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,32.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	.114	.466
Cramer's V	.114	.466
N of Valid Cases	117	

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.